MAIS VIDA NOS MORROS

REINVENÇÃO URBANA PASSO A PASSO

Mais Vida nos Morros

MAIS VIDA NOS MORROS

REINVENÇÃO URBANA
PASSO A PASSO

RECIFE
PREFEITURA DA CIDADE

RECIFE, 2020

EXPEDIENTE

Prefeito: Geraldo Julio de Mello Filho
Secretário de Infraestrutura: Roberto Gusmão
Secretário executivo de Inovação Urbana: Tullio Ponzi

REALIZAÇÃO

Gerente geral de Intervenções Urbanas: Flaviana Gomes
Gerente geral de Planejamento e Inovação: Alexandre Nápoles Filho
Gerente de Gestão e Projetos Especiais: Luciano Nogueira
Gestora de Urbanismo, Concepções e Primeira Infância: Rebecca Dantas
Gestor de Prototipagem e Solução Urbana: César Araújo
Chefe do setor de Desenvolvimento Sustentável: Raynaia Uchôa
Chefe de Gabinete: Valéria Cristina Silva

Equipe técnica
Alex Rodrigues, Aline Mendes, Angélica Nobre, Augusto Neto, Camila Inocêncio, Edson Holanda, Felipe Martins, João Vitor, Karla Gonçalves, Laís Morais, Rafael Nigro, Sandy Vieira e Vitor Douglas.

APOIO

ARIES | Agência Recife para Inovação e Estratégia
Presidente: Marcos Baptista Andrade
Gerente de Projetos: Pedro Mazzarolo

Fundação Bernard van Leer - Programa Urban95
Representante no Brasil: Claudia de Freitas Vidigal
Coordenadora de programas: Fernanda Rezende Vidigal

PRODUÇÃO EDITORIAL

Coordenação e edição: Andréia Peres
Reportagem: Juliana Amato
Arte: Vitor Moreira Cirqueira
Revisão: Luciane Gomide
Fotos: Equipe Mais Vida nos Morros

A FOTO DA CAPA

Capa e contracapa: Andrea Rego Barros

Na capa, crianças da comunidade Beberibe. Na contracapa, mural da comunidade Alto José Bonifácio

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Mais vida nos morros : reinvenção urbana passo a passo. -- 1. ed. -- São Paulo : Cross Content : Secretaria Executiva de Inovação Urbana, 2020.

ISBN 978-65-993428-0-6

1. Crianças 2. Comunidades - Recife (PE) 3. Desenvolvimento sustentável 4. Infância 5. Morros - Recife (PE) 6. Políticas públicas 7. Planejamento urbano.

20-53345 CDD-307.098134

Índices para catálogo sistemático:

1. Recife : Pernambuco : Morros : Comunidades : Sociologia 307.098134

Aline Graziele Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

CAPÍTULO 1

CONTEXTO

Onde as intervenções acontecem e quais as principais dimensões e objetivos do programa

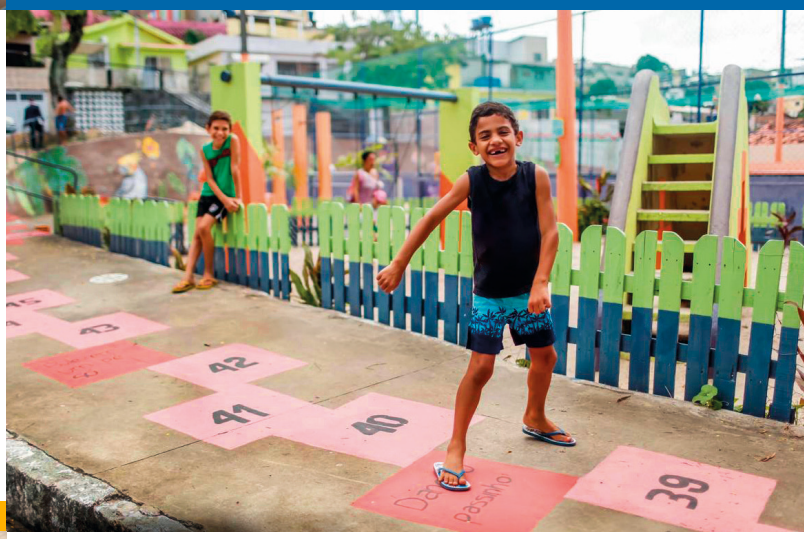
4

CAPÍTULO 2

TEORIA DA MUDANÇA

O processo de reinvenção das comunidades e de seus moradores e os indicadores da transformação

10



CAPÍTULO 3

ETAPAS

Engajar, transformar e celebrar: as três grandes fases do programa

26

CAPÍTULO 4

LIÇÕES APRENDIDAS E DESAFIOS

Os 5 principais aprendizados e desafios do Mais Vida nos Morros

42

Crianças de 0 a 6 anos:
o "coração" do programa

CAPÍTULO 1

CONTEXTO

O MEU LUGAR É LINDO
DÁ GOSTO DE SE VER
AQUI É ONDE EU VIVO
E MOSTRO PARA VOCÊ

A NOSSA CONVIVÊNCIA
CRIANÇAS COM LAZER
COM TUDO MAIS BONITO
MORAR DÁ MAIS PRAZER

MAIS VIDA NOS MORROS
MAIS COR E EMOÇÃO
ORGULHO DE VIVER
OLHAR COM O CORAÇÃO

FIZEMOS TUDO JUNTOS
NA PARTICIPAÇÃO
FORTALECENDO OS LAÇOS
DA NOSSA UNIÃO

A VIDA DA GENTE
VAI GANHANDO MAIS COR
PLANTANDO A SEMENTE
DA PAZ E DO AMOR"

Letra da música "Mais Vida nos Morros", de Nena Queiroga, cantora e uma das embaixadoras do programa.

[1] Música disponível em: https://fb.watch/1GLIEaHFGw/. Acesso em: dez. 2020.

A letra da música que a cantora Nena Queiroga, rainha do Carnaval de Pernambuco, compôs para o Mais Vida nos Morros sintetiza, com arte, um dos principais objetivos do programa: transformar os espaços urbanos e também as pessoas, aumentando o sentido de pertencimento e o engajamento das comunidades.

Criado em 2016, o Mais Vida nos Morros é uma política pública de inovação e resiliência urbana que reinventa a cidade e combate a desigualdade socioespacial a partir do protagonismo comunitário e da promoção do desenvolvimento sustentável e de um espaço urbano melhor para as crianças nas 545 comunidades de interesse social do Recife.

Até outubro de 2020, o programa já havia atendido 53 comunidades de interesse social do Recife, beneficiando diretamente mais de 54 mil habitantes. Muito além dos números, um dos seus principais resultados é a mudança que vem provocando na relação de crianças e adultos com os espaços urbanos e com o meio ambiente.

"É uma nova relação entre o cidadão e o poder público. O poder público chega na comunidade sem saber o que vai fazer porque o especialista é o morador. E o cidadão, por sua vez, cobra, reivindica, mas principalmente passa a ser parte da solução. É o exercício ativo da cidadania", explica o secretário executivo de Inovação Urbana, Tullio Ponzi.

A Secretaria Executiva de Inovação Urbana é uma subsecretaria da Secretaria de Infraestrutura e Serviços Urbanos da Prefeitura do Recife. Foi criada para abrigar o Mais Vida nos Morros e para estimular outras políticas públicas que, como o programa, deem soluções novas para problemas urbanos, sejam os que se arrastam há décadas, os atuais ou até mesmo os que ainda estão por vir.

Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), cerca de 55% da população mundial vive em áreas urbanas – e esse número deve chegar a 70% até 2050.[2] As cidades são pontos de cultura e convivência, de geração de renda e de conhecimento, de vida e de sonhos. Mas seu crescimento traz desafios cada vez maiores, em especial em países em desenvolvimento ou em áreas com infraestrutura insuficiente, como as comunidades de interesse social.

No Recife, cerca de 500 mil pessoas, o equivalente a um terço da população da cidade, vivem nessas áreas, que somam mais de 60% do seu território. Grande parte das estruturas urbanas desses locais foi formada de maneira espontânea e desordenada. São mais de 6 mil barreiras com risco de deslizamento, além do problema do lixo disposto irregularmente, que potencializa ainda mais essa ameaça.

Em 2019, 29 milhões de toneladas de lixo[3] foram descartadas de maneira incorreta no Brasil, o equivalente a 40,1% do total produzido. Dos 5.570 municípios do país, 3 mil mantêm lixões a céu aberto e quase metade deles ainda utiliza os locais para depositar resíduos sólidos, segundo a Associação Brasileira de Empresas de Limpeza Pública e Resíduos Especiais (Abrelpe).

Somada a isso, a falta de espaços públicos de qualidade desestimula o encontro, a manifestação cultural e a troca entre os moradores para o fortalecimento de um sentimento de coletividade e a garantia de espaços saudáveis para o desenvolvimento infantil, em especial para crianças na primeira infância (de 0 a 6 anos).

Para mudar esse cenário, o programa trabalha com a criação de ações que atendam a três preceitos básicos:

1 **BAIXO CUSTO**

2 **RÁPIDA IMPLEMENTAÇÃO**

3 **ALTO IMPACTO**

[2] FAO. *FAO framework for the Urban Food Agenda*. Roma, 2019. Disponível em: http://www.fao.org/3/CA3151EN/ca3151en.pdf. Acesso em: dez. 2020.

[3] MOTTER, Andressa. Mais de 3 mil cidades brasileiras mantêm lixões a céu aberto. *Folha de S.Paulo*, 30 set. 2020. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/seminariosfolha/2020/09/mais-de-3-mil-cidades-brasileiras-mantem-lixoes-a-ceu-aberto.shtml. Acesso em: dez. 2020.

Na prática, o Mais Vida nos Morros funciona como um *startup*, cujo principal desafio é prototipar novas soluções urbanas, tendo como base o protagonismo do cidadão.

O colorido dos morros chama a atenção, mas a inovação está presente nos detalhes que as fotos panorâmicas não mostram. No Vasco da Gama, as calçadas viraram um caminho lúdico, cheio de brincadeiras para as crianças. Já no Campo da União, um bequinho se transformou num campinho de futebol. Em Alto José Bonifácio, as vielas da comunidade se tornaram uma pista de cooper com escadarias e rampas. Na Lagoa Encantada, a praça virou um lugar de jogos, brincadeiras, encontros e ganhou uma horta comunitária.

Essas e outras soluções são pensadas para cada comunidade, mas nascem a partir de **10 objetivos** comuns relacionados a engajamento comunitário e intervenções no território:

1. **Transformar microvazios urbanos** (espaços degradados, vulneráveis ou com acúmulo de lixo) em áreas de lazer, convivência ou espaços para as crianças.
2. **Implantar políticas** para diminuição da quantidade de lixo que vai para os aterros municipais.
3. **Redesenhar e repensar toda a infraestrutura urbana da comunidade** (escadarias, calçadas, becos e vielas) sob a perspectiva das crianças, especialmente na primeira infância.
4. **Integrar políticas públicas** já existentes para a área beneficiada.
5. **Integrar os diferentes órgãos e secretarias do município**, além de parceiros da iniciativa privada, em prol dos territórios beneficiados pelo programa.
6. **Empoderar todos os moradores** (adultos, idosos e crianças) a partir da escuta ativa e da participação nas tomadas de decisão.
7. **Engajar os moradores na transformação** da sua comunidade, exercendo cidadania ativa.
8. **Promover sustentabilidade e resiliência** da comunidade a partir do protagonismo do morador.
9. **Promover uma mudança de comportamento** dos moradores em prol da transformação e da sua preservação posterior.
10. **Reinventar a relação do morador com a sua comunidade** despertando um sentimento de orgulho, autoestima e pertencimento.

Do ponto de vista macro, o Mais Vida nos Morros contribui para dois importantes tópicos dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU para 2030:

- **Saúde e Bem-Estar:** a garantia de uma vida saudável e a promoção do bem-estar para todos em todas as idades.
- **Cidades e comunidades sustentáveis:** a busca por cidades e assentamentos humanos mais inclusivos, seguros, resilientes e sustentáveis.

No centro de tudo, está o cidadão, que participa de todo o processo, da tomada de decisão sobre as intervenções urbanas na sua comunidade até a transformação final e o cuidado posterior (*veja mais sobre a metodologia do programa no* Capítulo 3).

Para a arquiteta e urbanista espanhola Irene Quintáns, especialista em estudos territoriais, políticas sociais, mobilidade, habitação e gestão urbana, esse tipo de engajamento é um diferencial do Mais Vida nos Morros em relação a programas do chamado urbanismo tático[4] no resto do mundo. Outro diferencial importante, segundo ela, é o contexto urbano vulnerável em que o programa atua e faz a diferença.

"O Mais Vida nos Morros entra para resolver vários fatores de risco. Alguns são físicos, outros emocionais", diz a especialista. "Não é um programa

[4] Como o próprio nome sugere, "urbanismo tático" se refere a intervenções rápidas e localizadas, como pintura ou mobiliário urbano.

que põe tinta e pronto. É um programa que trabalha a autoestima das pessoas, o pertencer a um lugar, o cuidado próprio e comunitário."

Isso porque, para além das ações de urbanismo tático, o Mais Vida nos Morros trabalha em três dimensões, buscando a reinvenção da cidade por meio do protagonismo comunitário, promovendo a pedagogia urbana e trabalhando para criar uma nova era de políticas públicas (*veja no quadro*).

Com isso, o Mais Vida nos Morros estendeu seu campo de ação ao longo do tempo, promovendo programas de alimentação saudável e de reciclagem de materiais e oficinas comunitárias presenciais ou a distância com diversas temáticas (*veja mais sobre o assunto no* Capítulo 2).

Outro ponto inovador destacado por Irene Quintáns é que as intervenções do Mais Vida nos Morros são uma política de segurança urbana, ainda que não tenham sido planejadas para isso. "Geralmente, as políticas de segurança urbana são muito defensivas, com arma. No Mais Vida nos Morros, o sentimento de pertencer a um lugar e criar esse acolhimento gera segurança", ressalta a arquiteta. Sentimento que a música "Mais Vida nos Morros" traduziu tão bem. ▢

AS TRÊS DIMENSÕES DO TRABALHO DO MAIS VIDA NOS MORROS

MAIS VIDA É REINVENTAR O LUGAR EM QUE SE VIVE

O Mais Vida nos Morros é um programa que faz acontecer a mudança nas comunidades a partir do protagonismo comunitário, com intervenções urbanas e iniciativas de participação social que transformam a relação de crianças e adultos com os espaços urbanos e com o meio ambiente a fim de promover o bem-estar e a justiça socioespacial.

Escadaria vira cenário lúdico na comunidade Beberibe

Pontos críticos de lixo ganham jardineiras cheias de plantas, na comunidade Burity

MAIS VIDA É SE REINVENTAR

O conhecimento compartilhado é a base de toda transformação. O Mais Vida nos Morros promove a cidadania ativa e a pedagogia urbana ao propor que as pessoas participem diretamente da vida da cidade e sejam parte da solução, compartilhando e acumulando conhecimento sobre os desafios urbanos e sobre o meio ambiente.

MAIS VIDA É REINVENTAR POLÍTICAS PÚBLICAS

Ao pensar novas práticas urbanísticas e de engajamento comunitário, o Mais Vida nos Morros cria também um novo jeito de fazer políticas públicas. A intenção é compartilhar essa experiência com todos e servir de inspiração para que cada comunidade repense e reescreva seus caminhos.

Adultos e criança se divertem grafitando parede da comunidade Córrego Domingos Sávio

PRIMEIRA INFÂNCIA E O FUTURO DAS CIDADES

POR GERALDO JULIO*

[...] Em Pernambuco, mais de 60% dos meninos de 0 a 14 anos vivem em casas com renda inferior a meio salário mínimo, e mais de 280 mil crianças de 0 a 17 anos vivem em favelas no estado, onde essa vulnerabilidade social gera inúmeros problemas. Com 1,6 milhão de habitantes, Recife[5] é a maior cidade do Nordeste, região mais pobre do Brasil afetada por muitas desigualdades sociais.

Nesse contexto, políticas públicas de baixo custo e com eficiência cientificamente comprovada são mais do que uma escolha, são uma necessidade [...]. Não é possível melhorar a qualidade de vida dos pequenos apenas focando na redistribuição de renda, porque o problema é muito mais amplo. É preciso investir em políticas públicas específicas para as crianças, nas mais diversas áreas. Para garantir a proteção social, o bem-estar e a qualidade de vida infantil, é necessário tirar do papel projetos que promovam a melhoria das condições de vida das crianças no âmbito da saúde, educação, assistência social e direitos humanos. Acima de tudo, precisamos de projetos que ampliem e qualifiquem seu desenvolvimento afetivo e emocional [...].

Crianças na comunidade Vasco da Gama

Adequar os espaços públicos para que as crianças de zero a 6 anos possam brincar e interagir socialmente também é uma das preocupações [...]. Para essa requalificação urbana, firmamos mais uma parceria com a Fundação Bernard van Leer [...]. O projeto[6] inclui melhoria da iluminação pública, adequação da velocidade dos veículos em trechos estratégicos, acessibilidade das calçadas e requalificação de praças. Concordamos com o argumento da fundação de que uma cidade boa para grávidas, bebês, crianças e jovens é capaz de produzir comunidades mais fortes e sustentáveis.

> **"UMA CIDADE BOA PARA GRÁVIDAS, BEBÊS, CRIANÇAS E JOVENS É CAPAZ DE PRODUZIR COMUNIDADES MAIS FORTES E SUSTENTÁVEIS."**

*Trechos do artigo "Early childhood: why we need to invest in the future of the cities?", publicado na revista *Early Childhood Matters* 2019, da Fundação Bernard van Leer, disponível na íntegra em inglês em: https://earlychildhoodmatters.online/2019/early-childhood-why-we-need-to-invest-in-the-future-of-cities/?ecm2019. Acesso em: dez. 2020.

[5] Recife foi a primeira cidade brasileira parceira no programa Urban95, da Fundação Bernard van Leer. Seu investimento na primeira infância é considerado uma estratégia inovadora do município para combater a criminalidade e a desigualdade nos bairros mais vulneráveis. Em 2018, a cidade também lançou o Marco Legal da Primeira Infância, um documento com 14 eixos que integra mais de 200 políticas, programas e projetos que a prefeitura desenvolve nessa área. Em dezembro de 2020, foi sancionado por Geraldo Julio, o então prefeito, o primeiro Plano Municipal da Primeira Infância do município.

[6] O projeto é de intervenções urbanísticas nos bairros do Alto de Santa Terezinha e Iputinga.

Na comunidade Alto José do Pinho, as crianças ganharam uma quadra de futebol e um carro-jardineira

Feirinha de *upcycling* no Morro da Conceição

CAPÍTULO 2

TEORIA DA MUDANÇA

A grande missão do Mais Vida nos Morros é reinventar a cidade e combater a desigualdade socioespacial promovendo o desenvolvimento sustentável, o protagonismo comunitário e um espaço urbano melhor para as crianças nas comunidades de interesse social do Recife.

O programa, que começou associado a uma estratégia de defesa civil, resiliência e prevenção de riscos e desastres, vem hoje promovendo o desenvolvimento dos territórios, por meio do estímulo ao protagonismo do cidadão (adultos e crianças) e da articulação de diversas ações com foco em:

- Redesenhar espaços urbanos a fim de estimular ambientes comunitários físicos e sociais, que maximizem o desenvolvimento saudável, social, cognitivo e emocional das crianças.
- Promover o desenvolvimento sustentável a partir da resiliência urbana.
- Fortalecer o protagonismo comunitário a partir do exercício da cidadania ativa, do sentimento de pertencimento e do orgulho do lugar onde se vive.

REDESENHAR ESPAÇOS URBANOS COM FOCO NO DESENVOLVIMENTO INTEGRAL DAS CRIANÇAS

"Crianças são como vaga-lumes da cidade", diz a arquiteta e urbanista espanhola Irene Quintáns, citando o pedagogo italiano Francesco Tonucci. Sensíveis às condições ambientais desfavoráveis, meninas e meninos, assim como os vaga-lumes, são, de acordo com Tonucci, indicadores da qualidade das cidades. Uma cidade boa para as crianças é, na verdade, boa para todos.

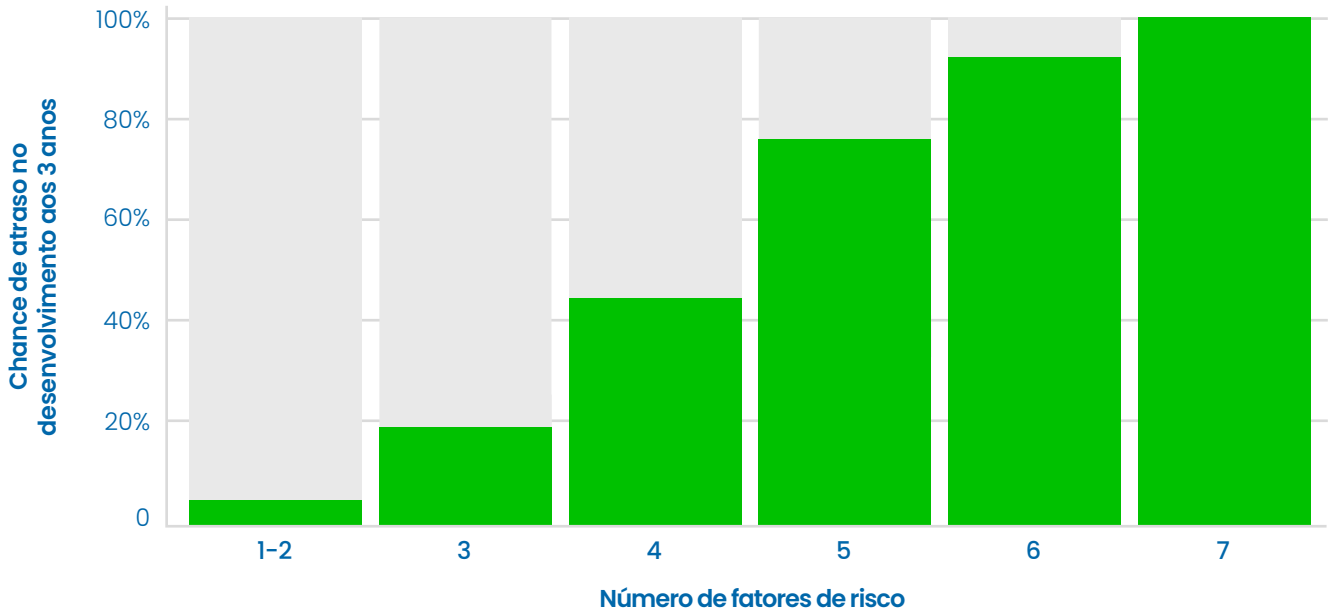
Moradias em áreas de risco, cercadas de lixo, sem canalização de esgoto ou mesmo sem arborização ou iluminação adequadas, podem impactar fortemente no desenvolvimento infantil.

Segundo o Centro de Desenvolvimento Infantil da Universidade Harvard, quanto mais adversidades uma criança enfrenta nos três primeiros anos de vida, maiores as chances de atraso no seu desenvolvimento. O efeito é cumulativo. Crianças expostas a seis ou sete fatores de risco, como pobreza ou maus-tratos, têm de 90% a 100% de chance de ter um ou mais atrasos em seu desenvolvimento cognitivo, de linguagem ou emocional (*veja gráfico*).

Foto: Andrea Rego Barros

Crianças se divertem na comunidade Burity

NÚMERO DE FATORES DE RISCO X CHANCES DE ATRASO NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL DE CRIANÇAS DE ATÉ 3 ANOS



Fonte: BARTH, *et al. Five numbers to remember about early childhoos development.* Harvard University, 2008. Disponível em: https://46y5eh11fhgw3ve3ytpwxt9r-wpengine.netdna-ssl.com/wp-content/uploads/2017/11/Five-Numbers-to-Remember-About-Early-Childhood-Development-updated-1.pdf. Acesso em: dez. 2020.

Evidências como essas foram fundamentais para que o Mais Vida nos Morros passasse, a partir de 2017, a focar em desenhar espaços públicos amigáveis às crianças na primeira infância (de 0 a 6 anos).

Com o apoio da Fundação Bernard van Leer, os pequenos foram trazidos para a "centralidade" do programa, segundo Tullio Ponzi, secretário executivo de Inovação Urbana. Hoje, um dos principais pilares da metodologia do Mais Vida nos Morros é o envolvimento e o protagonismo das crianças. "Elas são o coração do programa", resume o secretário.

Tanto na teoria quanto na prática as crianças contribuem – e muito – com o desenvolvimento do território. "Quando você faz com que elas brinquem perto ou na frente de casa, na rua, a família passa a acompanhá-las. É uma estratégia de convivência comunitária e uma estratégia reversa de segurança pública", avalia Tullio.

Em pesquisas realizadas nas comunidades por onde passou já foram observadas melhoras significativas nesses indicadores. Na comunidade do Burity, por exemplo, o número de crianças que usa o espaço público como área para brincar aumentou em 64,3 pontos percentuais. Passou de 11,4% para 75,7% (*veja gráfico*), depois das intervenções, em 2019.

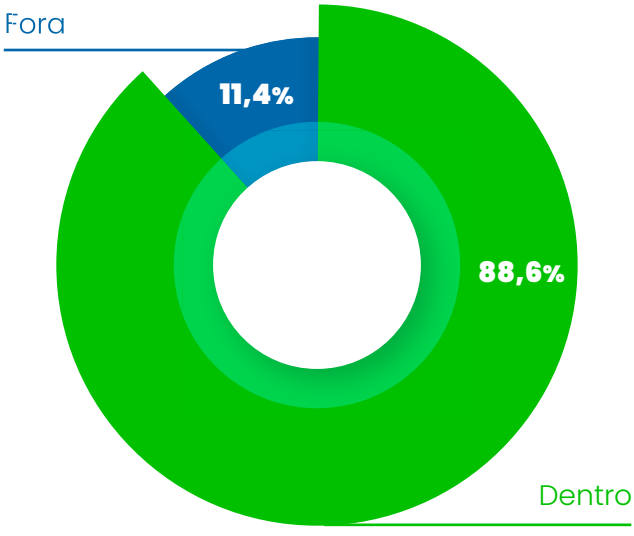
O processo de escuta e engajamento – Para o secretário, no entanto, mais importante do que os brinquedos e as brincadeiras que os novos espaços proporcionam é ouvir as crianças, envolvê-las na transformação desde o começo.

"Quando você faz com que as crianças se sintam donas daquele espaço, elas vão brincar com outro tipo de entusiasmo e também passam a fazer parte do cuidado com o território, mostrando no dia a dia que não tem idade para exercer a cidadania", diz ele.

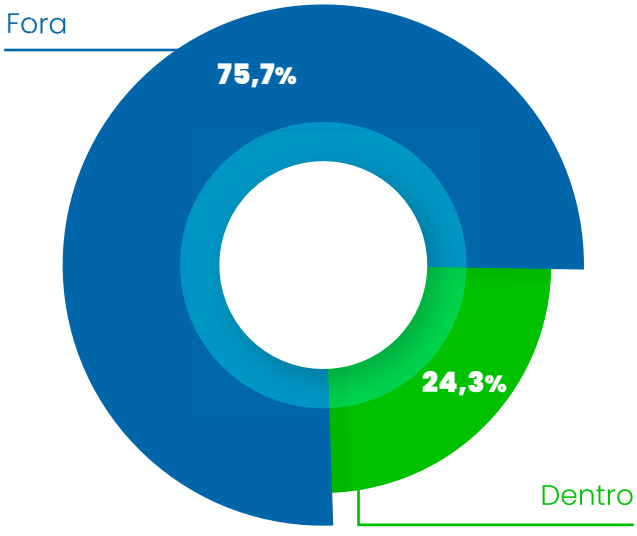
Segundo o artigo 16 do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), é direito da criança participar da vida familiar e comunitária, sem discriminação. Apesar da determinação legal, garantir e estimular essa participação é ainda um grande desafio.

Desafio que, segundo Jane Santos, especialista em saúde do Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef), é enfrentado com sucesso pelo Mais Vida nos Morros. "As ações são pensadas e desenhadas com a criança e a partir da criança. Por isso, a comunidade sai com a cara dela. É uma intervenção urbana que coloca a criança realmente no centro da discussão, da prioridade e da ação com benefício para todos", afirma.

ONDE AS CRIANÇAS BRINCAM?



Antes



Depois

Fonte: Indicadores do Mais Vida nos Morros para a Vila Burity

COM A PARTICIPAÇÃO DAS CRIANÇAS

Algumas das atividades desenvolvidas:

1. Caminhadas lúdicas.
2. Oficinas de desenhos.
3. Mapeamentos afetivos.
4. Pinturas e plantios.

Para escutar de fato a criança, não basta simplesmente perguntar o que elas querem. Segundo Rebecca Dantas, gestora de Urbanismo, Concepções e Primeira Infância do Mais Vida nos Morros, é preciso também envolvê-las do ponto de vista afetivo e subjetivo no planejamento das intervenções. Por isso, são usadas diferentes metodologias participativas, inspiradas, muitas vezes, no trabalho de coletivos de urbanismo colaborativo e tático.

Uma dessas técnicas é a **caminhada lúdica**, um passeio de uma hora a uma hora e meia por áreas de intervenção já identificadas na comunidade. As famílias são avisadas por grupos de WhatsApp e também podem participar. As crianças recebem figuras como coração, lâmpadas, árvores, bancos, bolas e estrelas para colarem nos lugares. "As figuras ajudam as crianças a visualizar objetos e outros aspectos que elas desejam para diferentes locais da comunidade", explica a arquiteta Laís Regina de Morais, especialista em primeira infância do Mais Vida nos Morros.

Cada uma delas tem um significado. As estrelas cheias de purpurina, por exemplo, marcam os pontos considerados de grande potencial e que precisam "brilhar". Muitas vezes, no entanto, as próprias crianças sugerem mudanças na forma de olhar tanto para as figuras quanto para a própria comunidade. "Combinamos que elas colocariam dois corações no lugar que mais amassem, para podermos caprichar. As crianças escolheram, no entanto, ressignificar o coração para o lugar que mais precisava de amor", lembra a arquiteta Rebecca Dantas. Segundo ela, além de trazer uma noção maior do espaço em que vivem, a caminhada fortalece ainda mais os laços das crianças com a comunidade, aumentando a sensação de pertencimento.

Outra técnica participativa utilizada é a **oficina de desenho** sobre o que meninas e meninos sonham para determinado espaço, aplicada em lugares como Lagoa Encantada, UR-10, Vila Burity e Campo da União. Depois da oficina, é feita uma roda de conversa com as crianças para identificar os elementos que se repetem e o que elas desejam. "Acreditamos no desenho como uma das formas de expressão individual, que mostra que a criança tem um lugar de fala e tem condições de dizer o que ela quer", afirma a arquiteta Sandy Vieira, chefe do setor de Engajamento e Urbanismo Colaborativo do Mais Vida nos Morros.

Os desenhos são usados isoladamente ou junto com brincadeiras de rua, por exemplo. Há atividades em que as crianças desenham o que gostariam de brincar e se divertem, depois, com as brincadeiras retratadas nos desenhos, selecionadas por sorteio. Não há uma fórmula padrão. No UR-10, a diversão foi fazer movimentos, como pular, descritos em um pedaço de cartolina. Cada um tinha que desenhar e mostrar dez jeitos diferentes de executar a atividade.

Apesar de utilizar as mesmas estratégias em diversas comunidades, o resultado final nunca é o mesmo. "Vamos tentando adaptar e entender a maneira como elas brincam escutando realmente as crianças", explica Laís de Morais. "Quando fazemos uma amarelinha, chamamos a garotada para ver e perguntamos se está bom. Elas que vão dizendo: não, precisa ser maior ou menor, em outra rua é melhor", completa a arquiteta e urbanista Camila Inocêncio.

Há ainda os chamados **mapeamentos afetivos** que ajudam a equipe a compreender os sentimentos em relação ao território. Um mapa ilustrativo da área é colocado na parede e as crianças são convidadas a escrever ou desenhar o que acham que pode mudar.

Como acontece com os adultos, os pequenos também atuam como cocriadores. Participam de **pinturas, plantios e marcações**, com giz de cera, no piso, desenhando flores, animais e jogos.

EQUIPAMENTOS SOB MEDIDA

Algumas das intervenções criadas para as crianças

1. Varandas brincantes.
2. Brinquedos adaptados aos desníveis dos morros.
3. Brinquedos feitos com PVC e cabos de vassoura.
4. Caminhos brincantes (amarelinhas).
5. Mobiliário urbano adaptado à altura das crianças.

"Brinquei de pintar a mão na parede", conta Jonatan Henrique Chagas França, de 4 anos. A pintura, feita na mureta de uma praça no bairro do Ibura, Zona Sul da cidade, foi uma escolha dele e das outras crianças, que quiseram deixar sua participação registrada. Animado, Jonatan pediu para a avó, com quem mora, comprar tinta para ele repetir de novo a experiência, dessa vez em sua casa.

A avó do menino, Gracione Chagas de Farias, lembra que, antes do Mais Vida nos Morros chegar ao Ibura, o menino costumava ficar dentro de casa. Depois, ele passou a se enturmar mais com as crianças da região e sair para jogar bola. Jonatan concorda e diz que hoje tem mais amigos que passam na casa dele para chamá-lo para brincar. "Como minha rua, agora, tem amarelinha, os meninos vêm de outras ruas para brincar aqui", comemora.

O trabalho com as crianças pequenas envolve também os cuidadores, que participam de oficinas curtas, de uma tarde, em que são orientados sobre a importância do brincar e da primeira infância. Nos encontros, há ainda espaço para rodas de conversa sobre direitos da criança e uma educação mais positiva e também para escuta. "Procuramos saber como é o relacionamento deles com os filhos, porque deixam (ou não) que eles brinquem nas ruas, quais os seus medos. A ideia é entender como podemos atuar para ajudá-los", explica a arquiteta Laís de Morais.

Efeitos especiais – Os resultados são visíveis nas comunidades e vão muito além do colorido que chama a atenção de longe. Em Lagoa Encantada, por exemplo, as casas são nas áreas de morro. Nos espaços de recuo, na subida da escadaria, foram feitas duas "varandas brincantes", com banco, jardineira e pinturas lúdicas que estimulam a brincadeira e a conversa.

Em alguns lugares, brinquedos, como escorregadores, um dos preferidos das crianças, são criados aproveitando o desnível de uma área ou a lateral de uma escadaria. Em outros, o mobiliário é adaptado. Ainda em Lagoa Encantada, há um banco com duas alturas, para atender tanto adultos quanto crianças pequenas. Em Vasco da Gama, graças à imaginação dos moradores, um banco virou um "piano" e a diversão da garotada é tocar suas falsas teclas pintadas no concreto.

No UR-10, há brinquedos feitos com cabos de vassoura, reunidos pela comunidade, e também com canos de PVC, que dão vida a uma espécie de telefone sem fio, em que uma criança fala de um lado e a outra escuta.

Em Beberibe, os chamados caminhos brincantes (amarelinhas) têm a arte de Manoel Quitério, artista pernambucano e um dos embaixadores do programa – personalidades de diversas áreas e lideranças comunitárias que ajudam na sua implementação e divulgação. Há também brincadeiras no piso que lembram os jogos de RPG.

> **"A MARCA DO MAIS VIDA NOS MORROS É ESSA POTÊNCIA PARA OUVIR AS CRIANÇAS, SUAS NECESSIDADES, PERSPECTIVAS E PRIORIDADES."**
>
> **Jane Santos,** especialista em Saúde do Unicef

Foto: Andrea Rego Barros

Crianças se divertem na comunidade Beberibe

Já em Alto José Bonifácio, todo o entorno das ruas Ary Peter, Baulanadia e Engenheiro Parol foi transformado em um verdadeiro circuito de atividades e brincadeiras. Para onde se olha no espaço, existem intervenções de desenhos e pinturas com foco em desenvolver a criatividade e a imaginação das crianças (*veja mais sobre o assunto no* Capítulo 3).

As ações, segundo Laís de Morais, se refletem no desenho urbano, com um mobiliário que respeita a altura e a mobilidade da criança e uma sinalização de rua que se comunica também com os pequenos e não só com os adultos. "As crianças ficam muito felizes e ajudam muito mais a cuidar do lugar quando percebem que até a placa foi pensada junto com elas, que é colorida, alegre e representa alguma coisa que elas estavam querendo", afirma.

"Geralmente, as políticas de primeira infância focam em saúde, educação e assistência social, mas o entorno urbano também é superimportante", lembra a arquiteta e urbanista Irene Quintáns. Segundo um estudo da Universidade Harvard,[1] cada ano em um lugar melhor de moradia impacta no desenvolvimento de crianças que crescem em famílias vulneráveis e também aumenta a sua renda na idade adulta em 0,5%.

"ESTAVA PREOCUPADO COM AS PESSOAS DE 1,80 METRO. COM O MAIS VIDA NOS MORROS, COMECEI A VER A IMPORTÂNCIA DA CIDADE PARA AS QUE TÊM 90 CENTÍMETROS. ELES ENTENDERAM ISSO CRIANDO PASSEIOS LÚDICOS. DO TRAJETO DA CRIANÇA ATÉ A ESCOLA, TEM AMARELINHA E JOGOS, O QUE MUDA A RELAÇÃO DA COMUNIDADE COM O ESPAÇO PÚBLICO."

Francisco Carneiro da Cunha, arquiteto, urbanista e apresentador do podcast CBN Mobilidade, na rádio CBN Recife. Também é embaixador do Mais Vida nos Morros

[1] CHETTY, Raj; HENDREN, *Nathaniel. The impacts of neighborhoods on intergenerational mobility:* childhood exposure effects and county-level estimates. Harvard University, NBER, 2015. Disponível em: https://www.nber.org/papers/w23001. Acesso em: dez. 2020.

PROMOVER O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

A destinação correta do lixo é hoje um dos principais problemas ambientais do Brasil. No Nordeste, a questão é ainda mais grave. A região tem o menor índice de cobertura de coleta de resíduos sólidos urbanos no país: 81,1%. Todos os dias mais de 28 mil toneladas de lixo são depositadas em locais que podem causar poluição ambiental, com danos à saúde da população.[2]

Nas comunidades de interesse social do Recife o cenário não é muito diferente. Para mudar essa realidade, o Mais Vida nos Morros investiu em novas estratégias com foco no desenvolvimento sustentável dos territórios.

Com o início do programa, a abordagem da população, que era feita por equipes da área social da Defesa Civil, preocupadas em orientar sobre os problemas e eventuais desastres causados pelo acúmulo de lixo nas barreiras, passou a ser realizada por engenheiros, agrônomos, arquitetos e urbanistas. "Precisávamos de profissionais que tivessem a mesma sensibilidade, mas o olhar voltado para a solução, para as oportunidades", explica o secretário executivo de Inovação Urbana.

As oportunidades a que se refere o secretário são uma mistura da escuta dos sonhos e desejos dos moradores com as possibilidades reais que cada território oferece. Junto com as comunidades, são identificados as áreas livres e os pontos críticos de lixo com potencial para se transformar em espaços de convivência, descanso ou lazer (*veja mais sobre o assunto no* Capítulo 3).

Na comunidade Alto Santa Isabel, lixão se transforma na Praça Nelson Poeta, em homenagem a uma figura popular do bairro já falecida, cujos versos estão na parede

Mais verde e lazer – Os locais em que os resíduos se acumulavam se transformam em pequenas hortas urbanas, jardins ou praças. Em Vasco da Gama, na Rua Pedra Bonita, pneus dispensados por uma oficina mecânica viraram vasos com plantas em antigos pontos críticos de lixo.

Na Vila Burity, região do Bairro da Macaxeira, na Zona Norte do Recife, o Mais Vida nos Morros criou dez novas pracinhas e cinco mirantes, além de hortas comunitárias, jardins e jardineiras.

Em Alto Santa Isabel, um lixão que era usado como estacionamento se transformou na Praça Nelson Poeta, dedicada a uma figura popular do bairro, já falecida, cujos versos estão inscritos na parede.[3] "Hoje as pessoas conversam e jogam dominó por lá à noite", comemora Angélica Nobre, gestora ambiental do Mais Vida nos Morros.

Mutirões, oficinas, gincanas, palestras e feirinhas para estimular a coleta seletiva têm um papel fundamental no engajamento da população com as ações relacionadas ao meio ambiente e também na conservação e manutenção desses espaços. Na entrada do Campo da União, por exemplo, os moradores ganhavam uma muda de planta a cada ideia de melhoria da rua que apresentavam. As sugestões eram colocadas em um arame que ficou conhecido como "varal dos sonhos".

Engajamento e conscientização – Nos mutirões, o morador faz desde a pintura da sua própria casa até o plantio da horta e do jardim. "Quando começa a ter essa participação, há uma mudança no comportamento em relação ao cuidado com o espaço público", observa Flaviana Gomes, gerente geral de Intervenções Urbanas do Mais Vida nos Morros.

Oficinas de culinária sustentável, customização de lixeiras, jardinagem, horta e compostagem,

[2] Associação Brasileira de Empresas de Limpeza Pública e Resíduos Especiais (Abrelpe). *Panorama dos resíduos sólidos no Brasil 2018/2019.*

[3] Os versos inscritos na parede são "Meu nome é Nelson Barbosa/Fiz músicas, cantei cordel/Nasci em Casa Amarela Oiteiro, Alto Santa Isabel/Nelson poeta dos morros/Deixa escrita em papel".

entre outras, também são importantes no desenho do programa e vêm sendo feitas visando a conscientização ambiental e o engajamento dos moradores. Na pandemia de covid-19, continuaram a ser realizadas por meio de aulas gravadas em vídeo, na estratégia que ficou conhecida como Quarentena sustentável (*os materiais estão disponíveis no site maisvidanosmorros.recife.pe.gov.br*).

"As oficinas ajudam a disseminar conceitos importantes, como o cuidado com o meio ambiente e a gestão de resíduos, e também são um momento de encontro dos moradores, no qual são debatidos os principais problemas da comunidade", explica a arquiteta Sandy Vieira.

Em geral, os cursos acontecem no período em que são feitas as intervenções e duram de dois a três meses, dependendo da demanda dos moradores. Cada comunidade recebe, no total, de oito a 12 oficinas, que duram de uma hora e meia a duas horas, em média. Os horários são escolhidos pela própria comunidade e as aulas ocorrem uma vez por semana em pontos estratégicos, como associações de moradores, igrejas ou mesmo na casa de algum líder comunitário.

Uma das oficinas que faz mais sucesso é a de culinária sustentável, que aborda a importância de reutilização de partes consideradas menos nobres dos alimentos, como casca, talos, caules, folhas e sobras. Nas aulas são ensinadas receitas como a de brigadeiro com casca de banana, torta de talos, doce de casca de melancia e bolo de casca de mamão.[4]

Segundo Angélica Nobre, gestora ambiental que ministra o curso, a conscientização sobre o reaproveitamento de alimentos impacta diretamente na produção de lixo orgânico. "As oficinas ensinam os moradores a gerar menos lixo e ainda ter uma fonte de renda." Em Brasília Teimosa, bairro da Zona Sul do Recife, a gestora também ministrou cursos de culinária sustentável para os cozinheiros dos bares e restaurantes locais, que deverão integrar uma rota gastronômica no futuro.

Além das oficinas, há ainda palestras, que acontecem uma vez por mês, sobre educação ambiental, coleta seletiva, lixo orgânico e importância do reaproveitamento dos alimentos. A equipe também orienta sobre as Ecoestações (pontos de recolhimento de resíduos) e até sobre os horários corretos de colocar o lixo doméstico na frente da casa. "Tudo faz parte de uma conscientização ambiental. Começamos a plantar a semente e, quando saímos da comunidade, ela está mais instruída, consciente. A transformação começa de dentro para fora", explica Flaviana Gomes.

Lixo plástico é transformado e trocado por objetos de desejo na feira de *upcycling*, na comunidade Beberibe

A estratégia relacionada ao meio ambiente inclui também placas de sinalização, para incentivar os moradores a fazer o descarte correto dos diversos resíduos, e ações de mobilização pontuais para eliminar pontos remanescentes de lixo.

Em Campo da União, por exemplo, crianças e adultos sugeriram frases de conscientização ambiental que foram escritas em notas adesivas e coladas no lugar em que os moradores insistiam em jogar o lixo no horário errado. Outra iniciativa foi a criação de um selo, o "eu cuido do meu lixo", em formato de coração, para sinalizar as casas que estavam fazendo a diferença.

Segundo Raynaia Uchôa, chefe do setor de Desenvolvimento Sustentável do Mais Vida nos Morros, essas ações são customizadas. Elas dependem do lugar e de variáveis como a qualidade do relacionamento entre os moradores e o tipo de problema. Mas, se for o caso, podem ser repetidas em outras comunidades que enfrentam desafios semelhantes. "Percebo que precisamos fazer um trabalho ao longo do tempo, falando sobre o lixo e estimulando as pessoas", diz ela.

[4] As receitas podem ser encontradas no livro *Receitas de culinária sustentável,* de Angélica Nobre. Disponível em: https://docs.google.com/viewer?a=v&pid=sites&srcid=ZGVmYXVsdGRvbWFpbnxsaXZyb2RlcmVjZWI0YXNtdm5tfGd4OjU3YjViYmM1ZDMzYjg1MjE. Acesso em: dez. 2020.

Foto: Andrea Rego Barros

Feira de *upcycling* na comunidade Alto José Bonifácio

Lixo plástico – Considerada uma das grandes vilãs da atualidade, a poluição por plásticos é uma ameaça global ao meio ambiente que tende a se agravar, segundo relatório do World Wide Fund for Nature (WWF).[5]

O Brasil produz 11 milhões de toneladas de lixo plástico por ano. É o quarto maior produtor desse tipo de lixo do mundo e apenas 1,2% dele é reciclado. Nas comunidades de interesse social do Recife, o lixo plástico é um dos problemas ambientais mais graves, pois se acumula facilmente nas barreiras, provocando, muitas vezes, o seu desabamento.

Como resolver? Essa é uma questão que também vem demandando uma série de ações do Mais Vida nos Morros. Ações que vão desde a promoção de discussões e de busca de soluções, por meio do novo Laboratório de Inovação, até a realização de gincanas nas escolas e feirinhas de troca nas comunidades.

Inovação planejada – O primeiro Laboratório de Inovação aconteceu em 2020, durante a pandemia, no Julho Sem Plástico, um movimento mundial de conscientização contra o consumo excessivo do plástico e seu descarte incorreto.

Totalmente virtual, o laboratório foi resumido e publicado em um relatório intitulado *Caderno de soluções*.[6] O evento durou cinco dias e se dividiu em três momentos. O primeiro foi o chamado ciclo de conversas que reuniu urbanistas, acadêmicos e comunidade para discutir temas emergentes nas pautas de tecnologia, inovação e sustentabilidade.

No segundo momento, a jornada de trabalho, os participantes colocaram em prática seus conhecimentos e as informações da primeira etapa para o desenvolvimento de soluções, com acompanhamento da Secretaria Executiva de Inovação Urbana e de mentores convidados.

Por último, houve a apresentação das soluções encontradas pelas equipes e a premiação. O grupo vencedor criou um flutuador chamado "jardim filtrante", que remove metais pesados e impurezas da água por meio de plantas. Outra equipe fez uma composteira. Ambos devem ter seus protótipos desenvolvidos e testados. Se derem certo, podem ser implementados pelo programa.

Educação ambiental – No Mais Vida nos Morros, inovação é fundamental, assim como o engajamento das comunidades. Para mobilizar crianças e adultos no Julho Sem Plástico, o programa criou, por exemplo, uma gincana que envolveu moradores de cinco ruas da cidade e 20 escolas, em 2019.

---

[5] *Solucionar a poluição plástica*: transparência e responsabilização. WWF, 2019. Disponível em: http://promo.wwf.org.br/solucionar-a-poluicao--plastica-transparencia-e-responsabilizacao. Acesso em: dez. 2020.

[6] PREFEITURA de Recife. Secretaria Executiva de Inovação Urbana do Recife. *Caderno de Soluções*. Laboratório de Inovação, edição Julho Sem Plástico. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1-xwiRXQIOXtrV69wRDiMSzcP3CQoXa7y/view. Acesso em: dez. 2020.

O desafio foi juntar o máximo de resíduos plásticos que conseguissem. O material arrecadado era deixado na escola municipal participante mais próxima, onde era feita a pesagem. Tanto a rua que mais arrecadou plástico em peso quanto a escola que foi o ponto de maior arrecadação receberam como prêmio um mutirão do programa.

A Escola Municipal Sítio do Berardo, no Prado, e a 1ª Travessa da Rua José Menezes de Lira Filho, em Dois Unidos, foram as vencedoras. Ao todo foram arrecadadas 3,5 toneladas de resíduos plásticos. Informações sobre a importância da reciclagem e o descarte correto do lixo também tomaram conta dos murais das escolas.

O tipo de desafio pode variar a cada ano, mas a ideia, segundo Raynaia Uchôa, é de que envolva tanto moradores quanto escolas, para ampliar a educação ambiental, a mobilização e o cuidado.

Recicla Mais – "O morador deve entender que é parte da solução. E nós apresentamos isso de maneira tangível trocando os resíduos plásticos por objetos e, em paralelo, fazemos a conscientização ambiental", diz o arquiteto César Araújo, gestor de Prototipagem e Soluções Urbanas do Mais Vida nos Morros, referindo-se a outra estratégia de engajamento do programa na área de meio ambiente, o Recicla Mais.

Para estimular a coleta seletiva, o Recicla Mais promove feiras que acontecem mensalmente, de forma itinerante, nas comunidades atendidas pelo programa. Nessas feiras o lixo plástico é trocado por produtos como cestos, saboneteiras e fruteiras. Também são dadas orientações sobre esse tipo de resíduo, os problemas que ele causa para o meio ambiente e de como é feita a transformação do lixo em objeto.

A iniciativa, que começou como um braço do Mais Vida nos Morros, hoje tem vida própria dentro da Secretaria Executiva de Inovação Urbana e atua também em áreas que não são atendidas pelo programa. Seu principal objetivo é reduzir a poluição de material plástico nos rios, canais, barreiras e demais espaços públicos.

Denominado *upcycling* em inglês, o processo de reaproveitamento do lixo plástico na criação de novos produtos é feito em uma oficina própria que conta com um maquinário básico para isso, composto por máquinas extrusora e trituradora de plástico. Segundo César, os objetos foram desenhados junto com os moradores que também determinaram o tipo de produto que queriam.

> **"A GENTE ACHAVA QUE A QUESTÃO DO LIXO NUNCA SERIA RESOLVIDA EM NOSSA VIDA, MAS CONSEGUIMOS ACABAR COM O LIXO NA FRENTE DAS ESCOLAS, DA CRECHE E DE ALGUMAS RUAS TRANSVERSAIS DO NOSSO BAIRRO PORQUE FIZEMOS JARDINS NAS CALÇADAS. QUANDO UMA PESSOA VÊ UM JARDIM, PERCEBE QUE ALI É UM LUGAR QUE NÃO PODE COLOCAR LIXO."**
>
> **Maria Monteiro**, liderança comunitária de Brasília Teimosa e embaixadora do Mais Vida nos Morros

Para que todos possam participar – e também juntar cada vez mais plásticos –, é divulgado antecipadamente o calendário das feirinhas, que em 2020 já aconteciam em 15 comunidades, com envolvimento também dos embaixadores do Mais Vida nos Morros. O objetivo, de acordo com o arquiteto, é atender as 53 comunidades do programa e expandir para outras localidades.

Além de objetos de desejo dos moradores, o programa também está produzindo infraestrutura urbana com o lixo plástico coletado. A primeira criação nesse sentido é um corrimão, que é uma necessidade comum a praticamente todas as comunidades, para melhorar a acessibilidade das escadas.

O primeiro corrimão foi instalado, em setembro de 2020, na comunidade de Dois Unidos, na Zona Norte do Recife, vencedora da gincana

UMA MORADORA DO ALTO JOSÉ BONIFÁCIO CITAVA O LIXO COMO UM PONTO DE REFERÊNCIA PARA A RUA DELA. 'É AQUELA RUA QUE TEM UM LIXÃO', DIZIA. DEPOIS DO MAIS VIDA NOS MORROS, A REFERÊNCIA COMEÇOU A SER O JARDIM, AS FLORES, O BECO COLORIDO."

Flaviana Gomes, gerente geral de Intervenções Urbanas do Mais Vida nos Morros

Julho sem Plástico, em 2019. Para desenvolvê-lo foram utilizados 35 quilos de plástico tipo 2, o que corresponde a aproximadamente 267 garrafas de amaciante de 3 litros ou 1.250 embalagens de xampu de 325 ml. Feito de resíduo plástico, o corrimão produzido pelo Mais Vida nos Morros acaba sendo mais econômico e não precisa de manutenção de pintura.

No futuro, a intenção é que placas de rua, brinquedos e mesmo outros itens de mobiliário urbano, como bancos e jardineiras, possam ser produzidos com o lixo plástico. Dependendo do tamanho da comunidade, são coletados de 60 a 200 quilos de plástico. No total,[7] cerca de 1,5 tonelada de resíduos já foram reciclados.

Segundo o arquiteto César Araújo, a transformação é visível nas comunidades. "Percebemos que em lugares onde o plástico não tinha valor algum e acabava caindo nas canaletas, no esgoto e nas barreiras, isso não acontece mais", diz ele. Ao se transformar em moeda de troca nas feirinhas, o lixo plástico passou a ser valorizado e não é mais jogado em qualquer lugar. "Queremos que o cidadão comece a se responsabilizar pelo seu lixo, mas também procuramos ajudá-lo a ver que esse lixo tem um poder transformador incrível. Pode virar um objeto ou uma estrutura urbana, com benefício para toda a comunidade", acrescenta Raynaia Uchôa.

[7] Total considera o lixo plástico arrecadado até outubro de 2020 nas feirinhas de *upcycling*.

FORTALECER O PROTAGONISMO COMUNITÁRIO

Todas as ações do Mais Vida nos Morros são desenvolvidas com foco no fortalecimento do protagonismo comunitário. O processo de transformação das comunidades envolve a escuta e a participação ativa da população. O engajamento é feito por meio de mutirões e de oficinas, entre outras iniciativas.

"Quando o programa chega em qualquer comunidade, temos o cuidado de escutar todos os atores e estimular a sua participação", explica Tullio Ponzi, ressaltando que esse processo é importante para a construção de qualquer política pública.

Adultos e crianças decidem com a equipe do Mais Vida nos Morros as mudanças que serão feitas na comunidade num processo de cocriação, detalhado nas páginas anteriores deste capítulo. A participação de todos e de cada um é visível nas intervenções.

Cada comunidade tem um tema específico que é trabalhado nas pinturas. O tema é definido pela própria população local, com o apoio dos arquitetos, que são encarregados de traduzir os sentimentos e desejos dos moradores em uma proposta e, depois, validá-la com eles.

Em Vasco da Gama, por exemplo, o tema é natureza. "A área era de bastante conflito e os moradores falaram que amavam a natureza. Então, foi esse o elo que conseguimos fazer. Começamos a desenhar passarinhos, flores, folhas nas casas", exemplifica a arquiteta Rebecca Dantas. Uma das pinturas também retratou um cachorro com o seu dono na porta de casa. "Para eles, isso é uma forma de representação", acredita a arquiteta.

No Morro da Conceição, a comunidade se colo-riu de azul e branco, os tons do manto de Nossa Senhora da Conceição, em homenagem à santa que dá nome ao morro. Já em Burity o tema foi Carnaval, por causa da alegria e do tom festivo da comunidade.

Galeria a céu aberto – As pinturas mais difíceis, como as dos elementos da natureza, são feitas por artistas selecionados em processos licitatórios pela prefeitura, buscando sempre aqueles cujo estilo tem mais a ver com o lugar e os desejos da comunidade.

Foto: Andrea Rego Barros

Mais espaço de lazer para as crianças: quadra pintada na comunidade Córrego do Jenipapo

Foto: Marcos Pastich

Comunidade Alto do Maracanã

Segundo Manoel Quitério, artista e embaixador do programa, o trabalho de arte urbana nas comunidades de interesse social é por si só inovador. "Tudo de política pública de arte é, em geral, voltado para um público mais restrito. O grafite, que é a estética da rua, proporciona essa inversão", afirma.

Para o artista, a escuta dos moradores é muito importante, assim como as suas memórias afetivas e símbolos. "Pegamos [de referência] elementos como um tecido de chita que veio no caminhão dos avós de alguém e vamos inserindo, botando os moradores como protagonistas", diz ele, ressaltando a importância da temática e da retórica de quem está ali na comunidade. "Começamos a mudar não só o visual, mas a mentalidade mesmo. As pessoas passam a entender que já têm material suficiente para criar cultura, que não precisam copiar o modelo de fora", completa.

A pintura das fachadas é feita durante o mutirão pela própria comunidade, que recebe a tinta pronta, já diluída. Em casos específicos, como quando o morador é muito idoso ou o acesso é difícil, a execução fica por conta de pintores contratados pelo programa.

Os moradores é que escolhem também a cor que vão pintar suas casas. No Alto do Maracanã, a primeira comunidade que recebeu a intervenção do Mais Vida nos Morros, a população foi estimulada a associar a cor a um sentimento. No início do processo, uma das moradoras queria pintar a casa de preto. Depois que ela viu a transformação, mudou para vermelho, que simbolizava o amor.

Para Tullio Ponzi, o exemplo é emblemático. Mostra que o Mais Vida nos Morros tem resultados que vão muito além do número de pessoas atendidas. "O programa sinaliza que o amor pela cidade, a pedagogia urbana e o protagonismo comunitário são políticas públicas com alto impacto", diz ele. ❑

"ANTES, ERA TUDO QUEBRADO, O LIXO FICAVA TODO NA ESQUINA E A PINTURA ERA BEM FEINHA. DEPOIS, AS PESSOAS PARARAM DE JOGAR LIXO NAS ESQUINAS E FICOU TUDO MAIS BONITO."

Ketelly Fernanda Demezio dos Santos Souza, 12 anos, moradora da Lagoa Encantada

FOCO NA MUDANÇA DE COMPORTAMENTO

Por trás de todas as ações do Mais Vida nos Morros, há um objetivo comum: a mudança de comportamento coletivo. Baseado em técnicas das ciências comportamentais, o programa cria formas de incentivo, como as oficinas e feirinhas de *upcycling*, para engajar a população e promover transformações nas comunidades, como:

- Conscientização sobre a importância da primeira infância e de estímulos como brincar para o desenvolvimento das crianças.
- Diminuição do lixo.
- Novas formas de convivência e de colaboração.

"O PROGRAMA SINALIZA QUE O AMOR PELA CIDADE, A PEDAGOGIA URBANA E O PROTAGONISMO COMUNITÁRIO SÃO POLÍTICAS PÚBLICAS COM ALTO IMPACTO."

Tullio Ponzi, secretário executivo de Inovação Urbana

Foto: Andreq Rego Barros

Feira de *upcycling* na comunidade Sítio São Brás

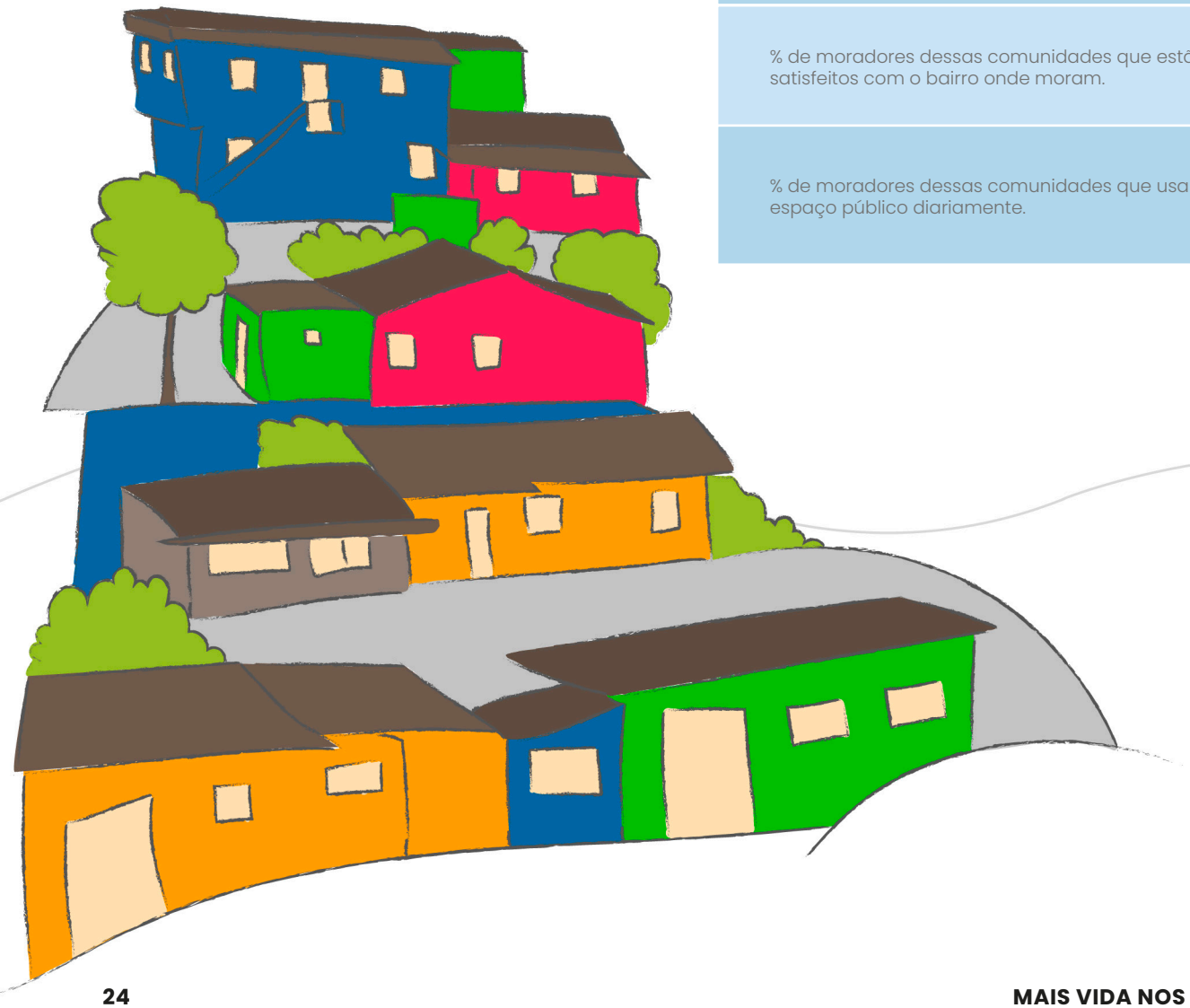
OS INDICADORES DA TRANSFORMAÇÃO

As metas e ações descritas ao longo deste capítulo fazem parte da chamada Teoria da Mudança, três grandes conjuntos de transformações relacionadas ao Mais Vida nos Morros.

Como já detalhado neste capítulo, o objetivo específico número um do programa é o redesenho do espaço urbano com foco no desenvolvimento integral da criança. Os demais são promover o desenvolvimento sustentável, a partir da resiliência urbana (objetivo 2), e fortalecer o protagonismo comunitário de adultos e crianças, por meio do exercício da cidadania ativa, do sentimento de pertencimento e do orgulho do lugar onde se vive (objetivo 3).

O impacto do programa será medido por meio de uma série de indicadores globais e também relacionados a cada um desses objetivos. São eles:

META GLOBAL
Reinventar a cidade e combater a desigualdade socioespacial a partir da promoção do desenvolvimento sustentável, do protagonismo comunitário e de um espaço urbano melhor para as crianças nas comunidades de interesse social do Recife.
Indicadores
% de comunidades de interesse social participando do programa.
% de moradores dessas comunidades mencionando o Mais Vida nos Morros como um dos cinco programas municipais mais importantes para eles.
% de moradores dessas comunidades que estão satisfeitos com o bairro onde moram.
% de moradores dessas comunidades que usam o espaço público diariamente.



OBJETIVO 1

Redesenhar o espaço urbano com foco no desenvolvimento integral da criança

OBJETIVO 2

Promover o desenvolvimento sustentável, a partir da resiliência urbana

OBJETIVO 3

Fortalecer o protagonismo comunitário de adultos e crianças, a partir do exercício da cidadania ativa, do sentimento de pertencimento e do orgulho do lugar onde se vive

Indicadores principais	Indicadores principais	Indicadores principais
% de aumento de áreas de lazer nas comunidades de interesse social que estão no programa.	% de aumento de metro quadrado de espaço verdes e áreas de lazer nas comunidades de interesse social que estão no programa.	% de moradores mencionando o Mais Vida nos Morros como um dos 5 programas municipais mais importantes para eles.
Metro quadrado de áreas de lazer nessas comunidades por criança de 0 a 3 anos, 4 a 6 anos e 7 a 12 anos.	Nível de satisfação dos moradores com os espaços públicos na sua comunidade.	% de moradores em comunidades de interesse social atendidas pelo Mais Vida nos Morros que estão satisfeitos com o bairro onde moram.
% de aumento do tempo de utilização semanal das áreas de lazer por cuidadores com crianças (0 a 3 anos, 4 a 6 anos e 7 a 12 anos).	% de moradores relatando que passaram pelo menos trinta minutos em um espaço verde na semana passada.	% de moradores relatando que eles ou um membro de sua família participaram de algum processo de planejamento, desenvolvimento ou atividade urbana nos últimos seis meses.
Tempo médio para caminhar até o espaço verde ou de brincar mais próximo.	% de moradores satisfeitos com as praças, espaços de encontro e de brincar e zonas verdes públicas disponíveis no bairro.	Tipos de processos de governança urbana de que os moradores participaram nos últimos seis meses.
% de moradores com crianças (0 a 3 anos, 4 a 5 anos e 6 a 12 anos) utilizando espaços na semana prévia à pesquisa.	% de moradores utilizando as práticas sustentáveis cotidianamente.	% de moradores relatando que tinham no mínimo uma refeição compartilhada com amigos no último mês.
% de moradores concordando que seu bairro é um bom lugar para criar filhos de 0 a 5 anos.	% de cobertura de saneamento básico.	% de moradores que têm confiança nos outros membros da comunidade.
% de cuidadores de crianças de 0 a 5 anos relatando que eles caminharam para pelo menos um serviço de Desenvolvimento na Primeira Infância na semana passada.	Quantidade de lixo reciclado coletado por morador.	Número médio de pessoas na comunidade que se conhecem bem o suficiente para pedir ajuda em momento de necessidade, por morador.
Indicadores coletados pela Prefeitura (Saúde, Educação e Assistência Social).	% de moradores relatando que estão satisfeitos com o nível de lixo nas ruas de seu bairro.	
	Percepção de segurança da comunidade.	

Crianças se divertem pulando amarelinha na comunidade Vasco da Gama

CAPÍTULO 3

ETAPAS

Apesar de estar sempre aberto à inovação e à experimentação, o Mais Vida nos Morros tem fases, etapas e atividades predefinidas em sua dimensão de reinvenção do espaço (*veja as demais dimensões do programa no quadro do* Capítulo 1). Por isso, o programa pode, sim, ser replicado em outras cidades e mesmo países, com adaptações locais.

Não se trata de uma receita pronta, mas de um conjunto de ingredientes, como práticas e ações, que podem ser úteis na estruturação de programas semelhantes (*veja mais sobre o assunto no* Capítulo 4).

De maneira geral, o processo de implementação das intervenções urbanas do Mais Vida nos Morros, numa área com 350 casas, dura cerca de três meses e pode ser dividido em três fases (*veja infográfico*), que serão detalhadas ao longo deste capítulo.

MAIS VIDA É REINVENTAR O LUGAR EM QUE SE VIVE

FASES DAS INTERVENÇÕES TÁTICAS URBANAS

ENGAJAR

Ações: conhecer o território, realizar escuta ativa e fazer planejamento das intervenções com a comunidade

Tarefas: realizar visitas técnicas, oficinas de cocriação e engajamento, planejamento das obras e intervenções, e preparar o primeiro mutirão

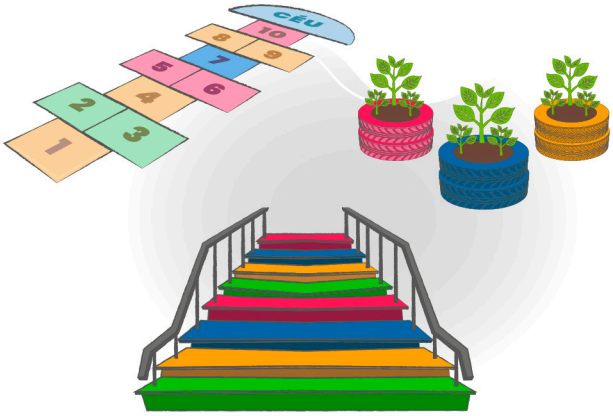
Tempo médio: 3 semanas

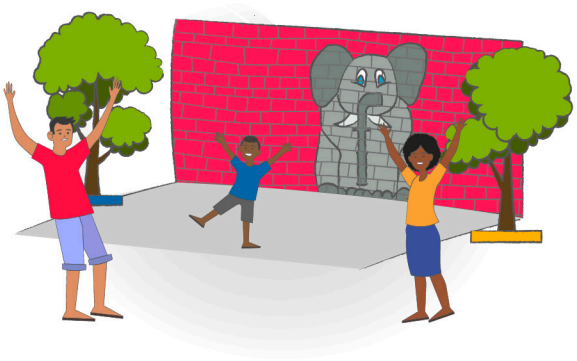
TRANSFORMAR (mão na massa)

Ações: intervenções, obras e ações de meio ambiente e sustentabilidade

Tarefas: executar obras e intervenções, realizar oficinas relacionadas ao meio ambiente e também lúdicas, além de mutirões em parceria com a comunidade

Tempo médio: 7 semanas





CELEBRAR

Ações: finalização do trabalho, detalhes das obras e intervenções, inauguração e celebração

Tarefas: realizar oficinas e preparativos para o mutirão

Tempo médio: 3 semanas

Foto: Andrea Rego Barros

Córrego do Jenipapo, uma das 53 comunidades transformadas pelos moradores e pelo programa

FASE 1 – ENGAJAR

O primeiro passo é a delimitação do território, a área em que serão feitas as intervenções (*veja quadro* Critérios de escolha). Com isso definido, a equipe, formada em geral por arquitetos (especialista nesse tipo de intervenção e especialista em primeira infância), engenheiro e agrônomo (responsável por implementar as ações sustentáveis), faz uma visita técnica ao local.

Nessa visita, que é guiada por um(a) líder da comunidade ou por alguns moradores do bairro, são mapeados os pontos críticos de resíduo de lixo, as áreas livres com potencial para se transformar em espaços de convivência, os locais importantes da comunidade, os equipamentos públicos (creches, escolas, defesa civil, ONGs etc.) e os problemas de infraestrutura, como canaleta quebrada, falta de corrimão ou necessidade de revitalização de uma escadaria.

Também é feita uma série de fotos e medições, além da identificação dos moradores engajados, dos locais mais seguros para receber os materiais e dos pontos fortes e fracos de cada lugar (*veja o* Checklist). "Faço aquela visão de 360 graus", brinca a engenheira Flaviana Gomes, gerente geral de Intervenções Urbanas, que acompanha a visita. Segundo ela, cada área tem suas especificidades, sua topografia e suas peculiaridades, que são levadas em conta.

De porta em porta – Durante essa primeira fase, a equipe também bate de porta em porta para o chamado cadastro técnico social, uma entrevista detalhada com cada morador. O questionário tem perguntas como quanto tempo reside na casa, como é a coleta de lixo, se ele(a) é feliz ou não em morar lá, qual é o seu sentimento em relação à comunidade e mesmo como é o relacionamento com os seus vizinhos.

Nesse cadastro são anotadas ainda informações de ordem prática. Por exemplo, quem vai pintar a casa ou participar das oficinas e das intervenções do programa, que cor prefere, qual o período de disponibilidade dos moradores e as suas habilidades (artesanato, jardinagem, carpintaria, pintura, eletricidade, construção civil etc.). Também são observadas questões mais técnicas como se a parede externa da casa está ou não pintada e rebocada, para que seja feito o cálculo dos materiais e da quantidade de tinta necessária.

No momento do cadastro, a equipe já convida todos para participarem de uma reunião, em que será feita apresentação do Mais Vida nos Morros para a comunidade seguida por uma conversa sobre o que foi levantado em campo e sobre quais as possibilidades e as necessidades deles(as).

Cocriação – Segundo Flaviana Gomes, trata-se de um processo de cocriação, feito a quatro mãos. "O projeto nasce aos olhos do arquiteto e do morador", diz. "É ele que vai dizer 'é melhor fazer essa intervenção aqui porque tem mais criança' ou 'tem um ponto crítico de lixo do outro lado da rua que vocês não viram'", completa.

A reunião de apresentação conta em geral com a presença de muitas crianças, que também

participam ativamente de tudo desde o início. "Quando os pais têm vergonha ou não querem falar, elas tomam a frente e a conversa começa a fluir mais naturalmente", diz Laís de Morais, arquiteta do Mais Vida nos Morros, especialista em primeira infância.

Com base na escuta dos desejos e sonhos da comunidade, a equipe também interpreta o que os moradores querem representar e define com eles um conceito, uma espécie de tema geral para as intervenções. Em Burity, por exemplo, o tema foi Carnaval e, em Vasco da Gama, natureza (*veja mais sobre o assunto no* Capítulo 2).

As intervenções começam de fato após o primeiro mutirão, que acontece normalmente aos sábados de manhã, para que todos possam participar. Em geral, estão previstos de dois a três mutirões, mas, dependendo do território, eles podem chegar a quatro ou cinco, como aconteceu no Morro da Conceição. Normalmente, a área delimitada engloba cerca de 100 famílias. Há, no entanto, territórios menores que sofrem intervenção, atingindo de 25 a 30 famílias, e também maiores, que impactam de 600 a mil famílias, como o Morro da Conceição e Brasília Teimosa, respectivamente.

O primeiro mutirão costuma ter um foco específico, a pintura das casas. Quando há muitas crianças na comunidade, como em Lagoa Encantada, já é programada, no mesmo dia, uma oficina especialmente para elas. Nessa fase é montado ainda um grupo de WhatsApp da comunidade, do qual a equipe do programa também participa, como estratégia para agilizar a comunicação.

Figuras usadas para identificar o tipo de intervenção que as crianças querem na comunidade

CRITÉRIOS DE ESCOLHA DAS COMUNIDADES

As intervenções do Mais Vida nos Morros, em geral, são feitas num perímetro específico delimitado após o mapeamento. Apesar de restritas a uma determinada área, elas acabam por impactar o território todo. "É como uma onda que se espalha quando se joga uma pedra no mar", compara Rebecca Dantas, gestora de Urbanismo, Concepções e Primeira Infância do programa.

No início, a escolha estava atrelada às obras de infraestrutura urbana. As áreas selecionadas eram as que precisavam de intervenção. Ao longo do tempo, o programa evoluiu e hoje vários critérios são levados em consideração. São eles:

- **Vulnerabilidade social** – Comunidades com os piores indicadores de desenvolvimento social, como IDH, índice de violência etc., têm prioridade.
- **Engajamento** – Graças às gincanas e às feiras está sendo possível medir previamente o nível de engajamento dos moradores nas atividades. Quanto maior o engajamento, mais chances de receber o programa.
- **Infraestrutura** – A presença ou não de equipamentos importantes para a primeira infância no entorno também é levada em conta. A área deve estar minimamente preparada para receber o programa.

As pinturas se destacam na comunidade Sítio São Brás

FASE 2 – TRANSFORMAR

A fase mais longa do processo é a de transformação, que começa logo depois do primeiro mutirão. A partir daí, a equipe estabelece um calendário de oficinas de cocriação (*veja mais sobre o assunto no* Capítulo 2) ao mesmo tempo que começa a execução das obras.

A primeira intervenção feita na comunidade costuma ser chamada de "vitória rápida" e é escolhida pelos próprios moradores logo no início dos trabalhos, durante a reunião de apresentação do programa. A ideia é que ela funcione como uma espécie de vitrine do programa, estimulando a participação e o engajamento da população local.

Sonhos no papel – Após a escuta e a realização das oficinas (*veja mais no* Capítulo 2 *e no quadro* Atividades de engajamento), a equipe começa a colocar os sonhos de todos no papel e a detalhar como será a execução das intervenções, com a indicação de materiais e o tempo necessário para cada etapa. Tudo vai sendo validado, ao mesmo tempo, com a própria comunidade.

"No decorrer da implantação, sempre tem a participação do morador", destaca Flaviana Gomes. "Às vezes, ele não consegue ir à reunião, mas acompanha a intervenção e opina", diz ela.

Cidadania ativa – No Sítio São Brás, por exemplo, uma passagem foi redirecionada para outro lugar por sugestão de uma pessoa da própria comunidade que estava presente na obra. "O morador vislumbrou como ficaria e disse que ela funcionaria melhor em outro espaço, num lugar onde 10 anos atrás havia uma escada que foi destruída", lembra a engenheira.

Apesar de estar previsto na primeira fase da metodologia, o engajamento do morador é fundamental durante todo o trabalho. "É uma fase que dura o processo inteiro", resume a arquiteta Rebecca Dantas. "Por mais que seja importante delimitarmos essa parte, temos que estar sempre em contato com o morador. Ele que é a base de tudo", avalia.

Durante o processo de transformação, como muitas artes urbanas são feitas nas fachadas das casas, a equipe conversa com os moradores cujas residências sofrerão a intervenção (adultos e crianças) para saber, por exemplo, o que cada um deseja que seja pintado.

"Na comunidade em que eu sou embaixadora, um morador quis pintar um touro chifrudo numa garagem. Outra pessoa quis uma flor. Todo mundo foi respeitado", diz a cantora Nena Queiroga, referindo-se a Santo Amaro. "É uma questão de autoestima, de você se sentir bem no lugar em que mora, ter orgulho", completa.

Cardápio de soluções – Para facilitar o processo de cocriação, durante o planejamento do primeiro megamutirão (*veja quadro* Os megamutirões), os arquitetos César Araújo e Rebecca Dantas criaram um cardápio de soluções. Ele foi esquematizado e ganhou forma lúdica como um baralho, com 115 *cards*, com temáticas como espaços de convivência, primeira infância, meio ambiente, arte urbana e sinalização, separadas por cores (*a estrutura completa do cardápio está disponível no quadro*).

CHECKLIST

ASPECTOS URBANOS

O que deve ser mapeado:

- [ ] Vazios urbanos/espaços livres.
- [ ] Locais importantes da comunidade.
- [ ] Equipamentos públicos (creches, escolas, defesa civil, ONGs etc.).
- [ ] Potencialidades da comunidade.
- [ ] Casas e pontos estratégicos para aplicação da arte urbana.
- [ ] Potenciais locais para intervenções urbanas.

ESTRUTURA FÍSICA

O que deve ser mapeado:

- [ ] Deficiências estruturais.
- [ ] Problemas de iluminação.
- [ ] Ponto de apoio para equipe, logística e material.

ASPECTOS SOCIAIS

O que deve ser mapeado:

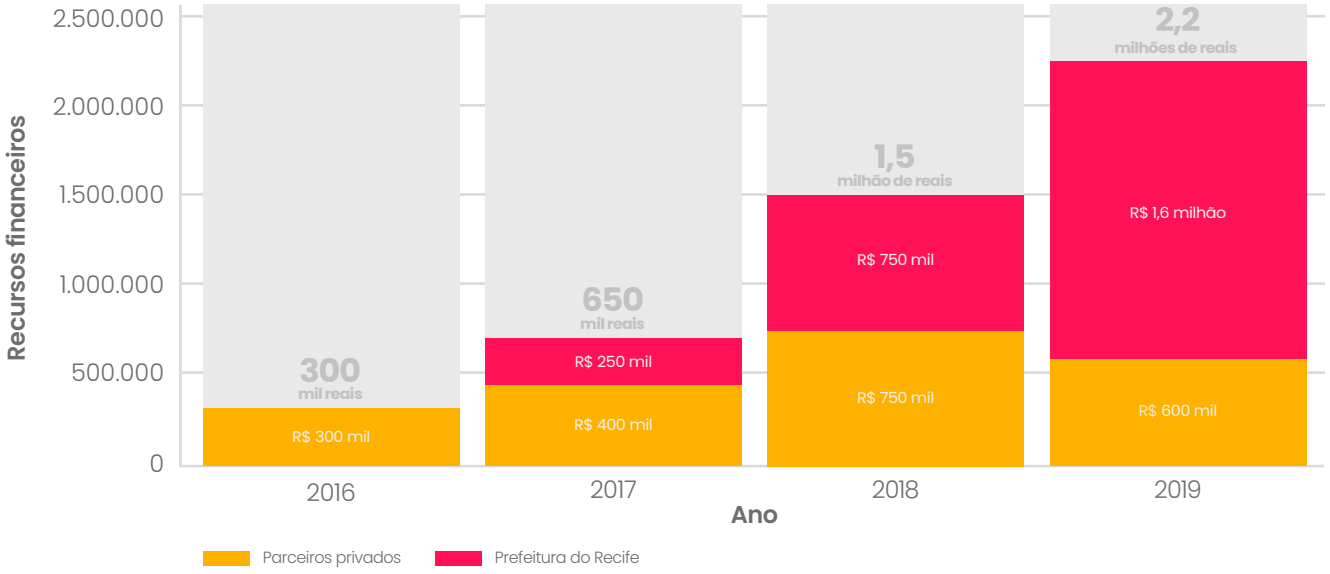
- [ ] Moradores (adultos e crianças) engajados e demandas da comunidade.
- [ ] Parceiros em potencial (ONGs, artistas e prestadores de serviço), com nome, telefone, localização e descrição da atividade que pode fazer.
- [ ] Possíveis parcerias para as oficinas de engajamento.

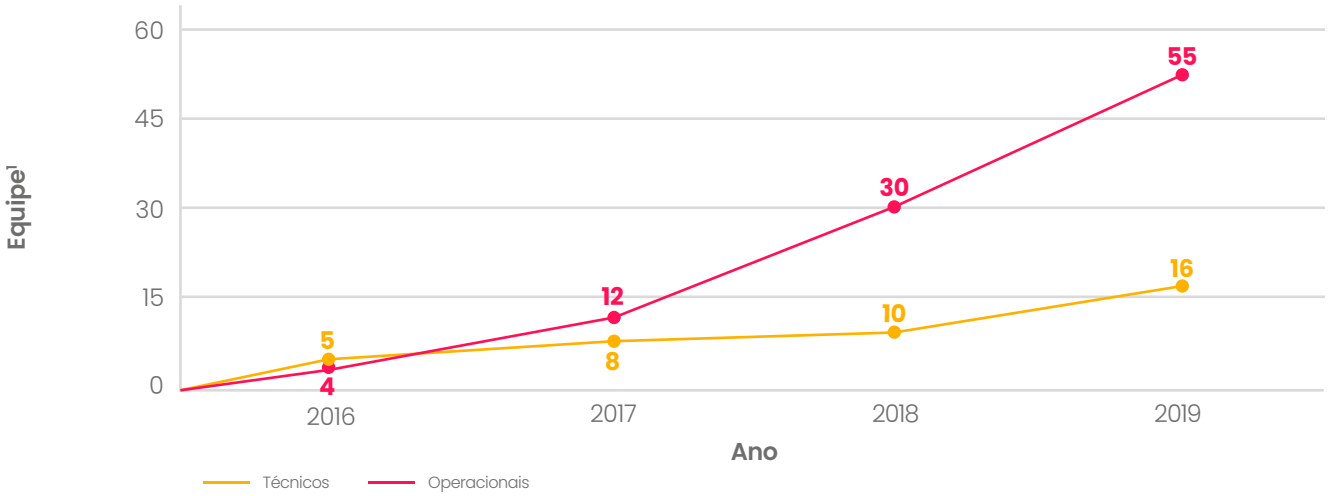
"A comunidade pode escolher qualquer coisa que tenha naquele cardápio, pois ali estão soluções que foram curadas para serem simples, de fácil execução e pouco uso de recursos", explica César.

Na prática, o baralho-cardápio é uma curadoria de soluções pregressas do Mais Vida nos Morros que facilita a visualização por parte dos moradores das dezenas de possibilidades. Funciona como um ponto de partida. A partir dele, os moradores podem sugerir alterações. Da forma como foi pensado, independentemente da maneira que o cardápio seja implementado, o conjunto de produções estará em harmonia.

De acordo com as necessidades, a metodologia do programa pode ser simplificada ou, pelo contrário, se tornar mais complexa. "Quando o processo é mais rápido, como o megamutirão, nós usamos o cardápio de soluções e deixamos os moradores livres para escolherem onde e como eles irão querer que aquelas soluções sejam implementadas porque eles que são os especialistas da localidade", explica o arquiteto. Se há mais tempo ou uma demanda específica, os arquitetos podem, por exemplo, se reunir com a população, fazer os croquis e pensar junto com eles, como costumava ser feito antes da criação desse cardápio.

RECURSOS FINANCEIROS E EQUIPE





[1] A equipe técnica é composta por arquitetos, engenheiros, jornalistas, profissionais da área de sustentabilidade, designers e gestores. Já a equipe operacional é formada por marceneiros, pedreiros, ajudantes e pintores.

ENGAJANDO A COMUNIDADE

ATIVIDADES COM AS CRIANÇAS

- Oficinas de desenho.
- Oficinas de brincadeiras de rua.
- Caminhadas lúdicas.
- Gincanas.

Foto: Andrea Rego Barros

Mãe e filha brincam no balanço na comunidade Alto Santa Isabel

ATIVIDADES DE CONSCIENTIZAÇÃO AMBIENTAL

- Oficinas de hortas urbanas.
- Oficinas sobre o lixo e suas possibilidades.
- Oficina de culinária sustentável.
- Oficina de compostagem.
- Feirinhas de *upcycling*.

Crianças participam de oficina de pipas na comunidade Beberibe

ATIVIDADES COM OS PAIS

- Varal dos sonhos: fio de arame em que adultos e crianças penduram o que sonham para o bairro.
- Urna de sonhos: tem a mesma função do varal. Na urna são depositados ideias e sonhos para a comunidade.
- Mapeamento afetivo: moradores e voluntários identificam na comunidade potenciais de áreas verdes, espaços de convivência e lugares para as crianças brincarem.
- Oficina sobre a primeira infância e a importância dos laços parentais.

Horta urbana na comunidade Sítio São Brás

CARDÁPIO DE SOLUÇÕES

Sinalização na comunidade Beberibe

DO ALTO

Os morros: arte urbana e mirantes.

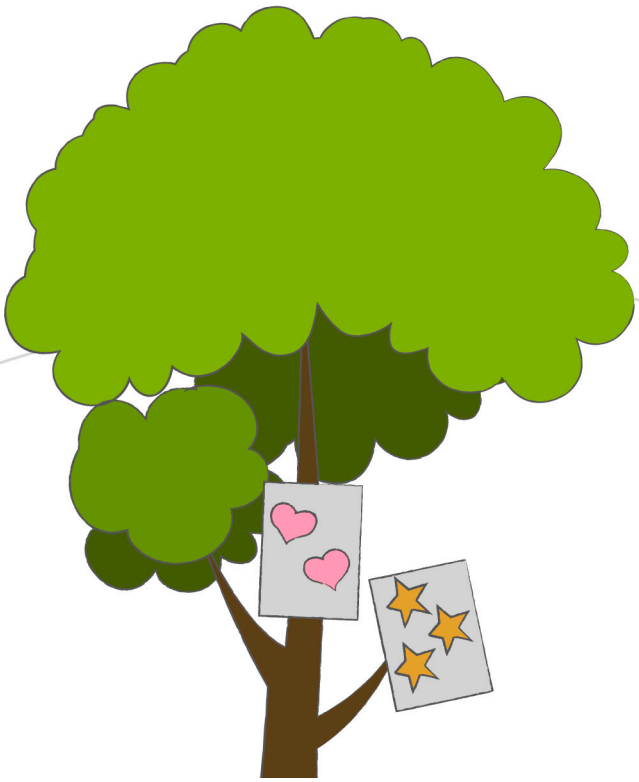
Os postes (sinalização): placas de postes, placas de rua, pintura.

Os telhados: telhados vivos (plantas) e telhas de *upcycling*.

As escadarias: pintura, corrimão, patamares (quando a escada vira praça) e jardineiras.

Os portais.

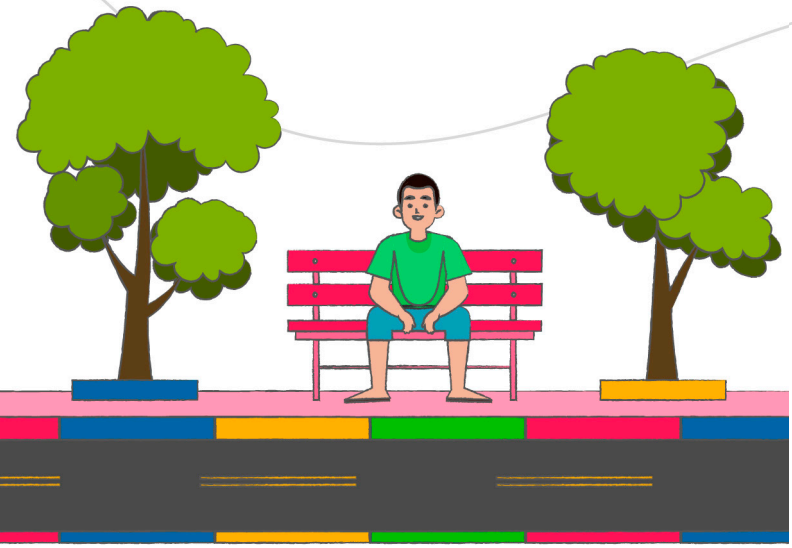
Mirante na comunidade Jordão



DO AR

As árvores: desenhos das crianças e conceitos traduzidos em cartões pendurados nas árvores.

As sombras: cobertas, palavras, bandeirolas e mandalas.



DO ESTAR

Ruas, calçadas, praças, pausas urbanas, espaço rosa, *parklet*, parada de ônibus e bicicletários.

Amarelinha da comunidade Jordão

DO BRINCAR E IMAGINAÇÃO

Amarelinha, gira-gira, pista de corrida/cooper, passarelas brincantes, campinhos e quadras.

DA TERRA/SOLO

Canteiros, jarros, jardineiras, parede verde, jardins, hortas e composteiras.

Horta vertical da comunidade Alto José do Pinho

DAS CORES

Pintura de casas (simples, básico, geométrico, abstrato), pontos estratégicos e murais.

IMPACTOS SECUNDÁRIOS

O Mais Vida nos Morros se transformou em uma inspiração para pessoas e comunidades, inclusive aquelas que até o momento não foram atendidas por ele. A constatação é de Valéria Cristina da Silva, chefe de gabinete da Secretaria Executiva de Inovação Urbana e gestora de Recursos Humanos.

Segundo ela, depois que o programa começou, muitas pessoas passaram a se juntar com vizinhos e a fazer ações pontuais em seus bairros. "Elas começam a retirar lixo, criar uma pequena área de convivência e isso produz um impacto positivo muito grande", diz Valéria, que recebe com frequências esses relatos.

Para o arquiteto Francisco Carneiro da Cunha, embaixador do programa e apresentador do podcast CBN Mobilidade, na rádio CBN Recife, o Mais Vida nos Morros também influenciou outros órgãos, como a Autarquia de Trânsito e Transporte Urbano do Recife (CTTU), que aderiu ao urbanismo tático, promovendo intervenções de redesenho urbano com o objetivo de reduzir fatores de risco de acidentes de trânsito. "Eles conseguiram pintar com motivos mobilizadores e orientar o fluxo de carro sem obstáculos, só com tinta", diz ele.

Outros projetos da Prefeitura vêm se valendo do *know-how* do Mais Vida nos Morros. Nas obras do Espaço Rio Teca, uma praça comunitária da Vila Santa Luzia, o processo de revitalização incluiu a escuta da comunidade, por meio da realização de reuniões com os moradores para entender as suas necessidades e expectativas.

A ideia inicial era manter o espaço, situado às margens do Rio Capibaribe, o mais natural possível. A partir do contato com a população, os planos mudaram. "Fomos conversando com os moradores e percebemos que, por não terem espaço em casa ou por não contarem com outros equipamentos de lazer, eles utilizam a área como um salão de festas para aniversários, churrascos", conta Sandy Vieira, responsável pela coordenação do projeto e chefe do setor de Engajamento e Urbanismo Colaborativo do Mais Vida nos Morros.

Segundo ela, durante os encontros, os moradores também sinalizaram que seria necessário instalar um banheiro e entenderam questões técnicas como a necessidade de criar recuos, de não ocupar toda a área e de levar a preservação do rio em conta. No lugar, foram construídos um terraço e calçadas com o material reaproveitado do evento de decoração Casa Cor. "Acreditamos que aproximar diversos atores no desenvolvimento da cidade é uma forma de inovação social", avalia a arquiteta.

Espaço Rio Teca, uma praça comunitária da Vila Santa Luzia, que passou por um processo de revitalização que incluiu a escuta da comunidade

Megamutirão: uma inovação que deu certo

OS MEGAMUTIRÕES

Para reforçar a intersetorialidade e fazer com que o Mais Vida nos Morros ganhasse ainda mais escala, a prefeitura do Recife criou o Megamutirão como parte do programa Chegando Junto.[2]

O primeiro megamutirão, realizado em agosto de 2019, envolveu voluntários e mais de 1.600 servidores de todas as secretarias e de órgãos da administração municipal no trabalho de cocriação e transformação de 16 comunidades situadas nas áreas mais vulneráveis da cidade.

A metodologia foi simplificada para ser aplicada em 30 dias. A escuta e o engajamento dos moradores (adultos e crianças), por meio de oficinas e rodas de conversa, continuaram sendo fundamentais, mas instrumentos como o baralho/cardápio de soluções foram usados para que as comunidades pudessem visualizar mais facilmente as possibilidades e sugerir alterações.

Cada secretaria ou órgão ficou responsável por uma área, que abrangeu de 20 a 65 casas, de acordo com a estrutura e capacidade de execução de cada um. Secretarias ou órgãos com mais funcionários, como a da Educação, ficaram responsáveis por áreas maiores. Os megamutirões também englobaram terrenos planos e não apenas áreas de morro.

Na prática, os resultados foram muito além das intervenções urbanísticas nas comunidades. "A Secretaria da Educação começou, por exemplo, a pensar em soluções para que essa meninada tenha noções da questão ambiental, de lixo", exemplifica César Araújo, gestor de Prototipagem e Soluções Urbanas. Segundo ele, o megamutirão fez com que uma secretaria se colocasse no lugar da outra, facilitando a interlocução entre elas.

O segundo megamutirão aconteceu em dezembro de 2019 e contou com a participação da sociedade civil. Ao todo, 30 embaixadores do programa, personalidades da cultura, do esporte, da culinária, das artes plásticas, entre outros, reforçaram o time de voluntários.

O trabalho dos embaixadores foi essencial para o engajamento ainda maior da população. Cerca de 5 mil voluntários e moradores participaram das ações. "O que mais me deixa encantada no Mais Vida nos Morros é essa coisa de fazer junto. Fazer por eles, mas com eles", resume Nena Queiroga, cantora e embaixadora do programa, que participou do segundo megamutirão.

[2] O Programa Chegando Junto reúne uma série de ações de assistência e apoio à geração de renda em prol da população que vive nas áreas mais vulneráveis da cidade.

FASE 3 – CELEBRAR

A última etapa da implementação das intervenções locais do Mais Vida nos Morros é de festa e celebração com a comunidade pelas conquistas. Antes da inauguração oficial das intervenções, os moradores, em geral, preparam um café da manhã para a equipe do programa. Na festa oficial, costuma haver muita música e comidas que os moradores aprenderam a fazer nas oficinas de culinária sustentável. Tanto o prefeito quanto os artistas que atuam como embaixadores do Mais Vida nos Morros participam da comemoração.

No começo e no fim das intervenções, um questionário é aplicado para efeito de comparação. No dia a dia, as áreas são mantidas pelos próprios moradores, que também fazem o monitoramento. No entanto, quando uma pintura precisa ser refeita ou há brinquedos quebrados e pontos de convivência danificados, uma equipe do programa faz a manutenção.

Inspirados pelo programa, moradores de comunidades atendidas pelo Mais Vida nos Morros também criaram formas para manter a mobilização por conta própria. Em Alto José Bonifácio, por exemplo, José Edson Pereira da Silva, o Ninho, faz um acompanhamento pedagógico diário com os moradores mais engajados com a mudança, que ele chama de "agentes de transformação ambiental".

Crianças de Brasília Teimosa celebrando as transformações e conquistas da comunidade

> **"O PROGRAMA AJUDOU NA AUTOESTIMA DA GENTE. TAMBÉM PASSAMOS A NOS DAR MAIS UNS COM OS OUTROS. ANTES, ERA TODO MUNDO MUITO FECHADO. HOJE, UM SABE DO PROBLEMA DO OUTRO E A PRACINHA SERVE PARA A GENTE SE REUNIR."**
>
> **Gracione Chagas de Farias,** 48 anos, dona de casa e diarista, moradora do UR-10

Os agentes são responsáveis por uma série de tarefas, como colocar o lixo na rua na hora certa, varrer a frente da casa, trocar o cesto do lixo comunitário e cuidar do jardim. "Ser um agente ambiental é manter a frente da sua casa limpa todos os dias. E a soma desse trabalho das pessoas está gerando uma rua limpa", explica.

Além dos agentes, Ninho criou a figura dos zeladores da rua, pessoas da comunidade que recebem uma contribuição financeira de outros moradores para "pintar um muro, limpar uma canaleta, fazer uma capinação ou instalar um cesto comunitário". Também montou um curso de cidadania, em vídeo, para explicar a responsabilidade do Estado e do cidadão para a comunidade.

"O Mais Vida nos Morros me ajudou a saber a importância que eu tenho dentro do Campo da União. Nem eu mesma me dava tanto valor como o programa me deu. Ele valorizou o meu papel como liderança", diz Maria José Natália Domingos da Silva, a Lia da Macaxeira, sintetizando na sua fala um dos principais objetivos do programa, promover o protagonismo comunitário, por meio do engajamento e da cidadania ativa. Ingredientes fundamentais para o sucesso do programa, que aparecem também em outros relatos de moradores espalhados pela publicação. ▢

Varanda brincante na Lagoa Encantada

VIA AS CRIANÇAS OPRIMIDAS, TRANCADAS DENTRO DE CASA. NÃO TINHA ILUMINAÇÃO, ENTÃO A VIOLÊNCIA PREDOMINAVA. AS RUAS SE TRANSFORMAVAM EM PONTOS DE DROGAS À NOITE. O MAIS VIDA ARTICULOU PARA O LUGAR RECEBER ILUMINAÇÃO, PINTOU AS CASAS, PÔS ARTES PARA AS CRIANÇAS, AMARELINHAS. EM POUCO TEMPO, O LUGAR SE TORNOU HABITÁVEL, COM AS CASAS ABERTAS E OS MORADORES CONVERSANDO UNS COM OS OUTROS."

Angélica Nobre, gestora ambiental do Mais Vida nos Morros, referindo-se à Lagoa Encantada

Escadaria da comunidade
Alto do Paraíso revitalizada

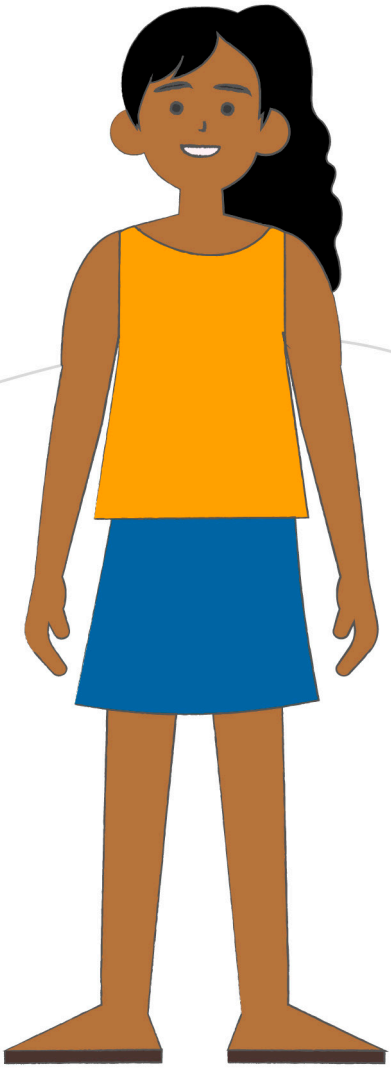
MAIS VIDA NOS MORROS E PRIMEIRA INFÂNCIA

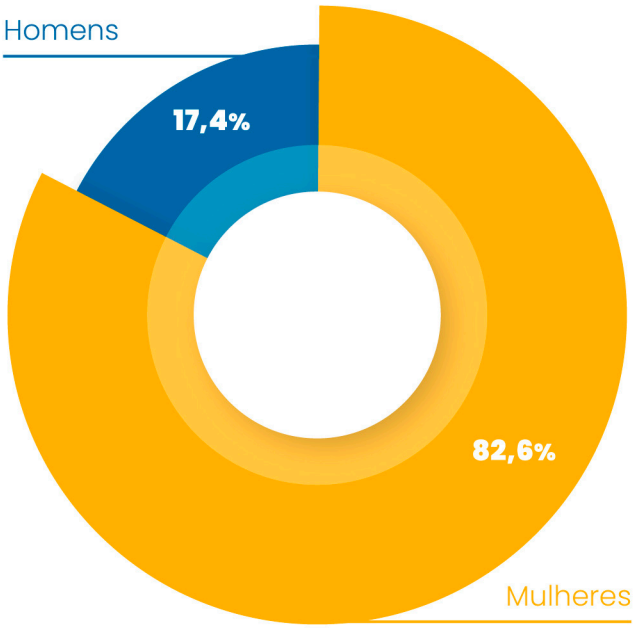
A centralidade na primeira infância é um dos principais pilares da metodologia do Mais Vida nos Morros. Com o objetivo de entender o perfil e o comportamento das crianças nessa faixa etária e de seus cuidadores, em especial no que diz respeito à utilização do espaço público, a Oxy.Social fez uma pesquisa quantitativa e qualitativa em três territórios beneficiados pelo programa: Buriti, Brasília Teimosa e Lagoa Encantada. Ao todo, foram realizados seis grupos focais, dois por comunidade, e 31 entrevistas, com a equipe do programa e lideranças comunitárias, no segundo semestre de 2020. Em paralelo, também foi feita uma pesquisa com 646 moradores.

A seguir, um resumo dos principais resultados do estudo:

QUEM SÃO OS CUIDADORES?

As mulheres são a ampla maioria. São elas que, em grande parte dos casos, se dividem entre afazeres domésticos, criação de filhos e trabalho informal.





63,5%

TÊM ENTRE 25 E 59 ANOS

96,4%

POSSUEM RENDA INFERIOR A 2 SALÁRIOS MÍNIMOS

DE QUEM CUIDAM?

82,2%

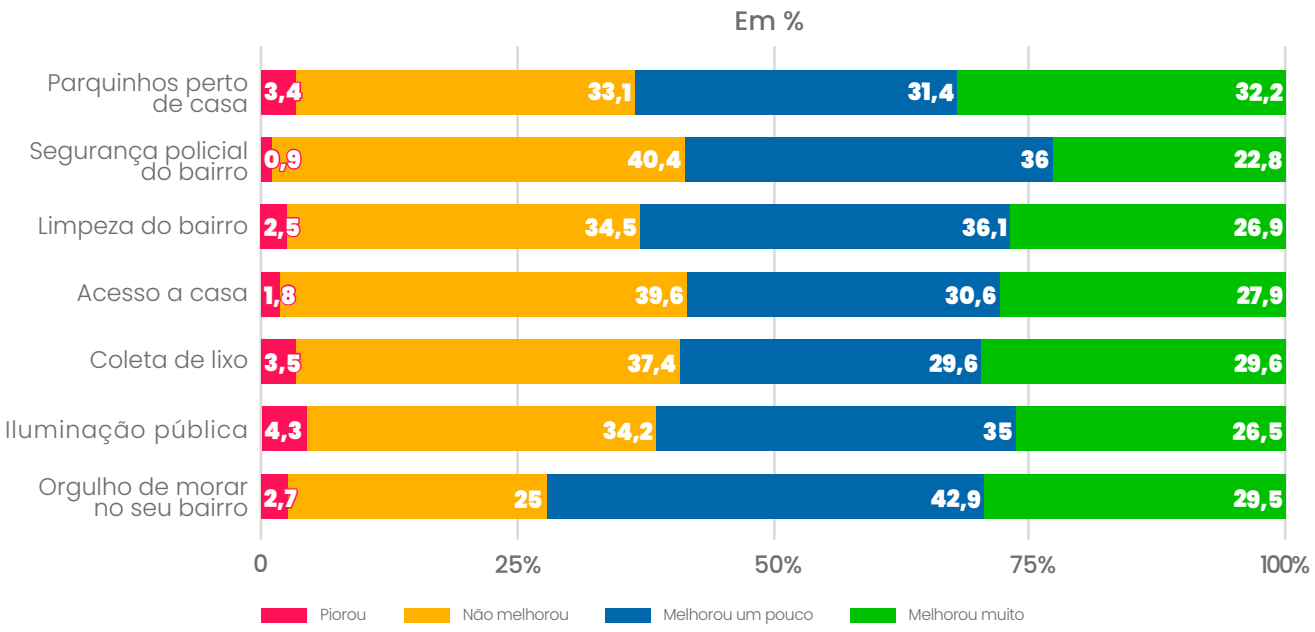
DAS CRIANÇAS ESTÃO NA PRIMEIRA INFÂNCIA

2/5

ESTÃO NA CHAMADA PRIMEIRÍSSIMA INFÂNCIA (0 A 3 ANOS)

QUALIDADE DOS SERVIÇOS PÚBLICOS APÓS AS INTERVENÇÕES

Segundo o estudo, o programa tem um impacto bastante positivo nos locais onde realizou intervenções. A construção do vínculo entre a equipe e a população, as mudanças estéticas nas comunidades e a realização de oficinas com adultos e crianças são os principais pontos positivos enfatizados nas falas. Em relação à qualidade dos serviços e equipamentos públicos, a percepção é de melhora significativa após as intervenções, em uma média superior a 50% em todas as opções (*veja gráfico*).



Em Vasco da Gama, um banco virou um "piano" e a garotada se diverte tocando suas falsas teclas pintadas no concreto

CAPÍTULO 4

LIÇÕES APRENDIDAS E DESAFIOS

Com uma metodologia inovadora, o Mais Vida nos Morros vem acumulando uma série de reconhecimentos nacionais e internacionais. Em 2019, ganhou o prêmio do Encontro Alumni 2019, promovido pelo Núcleo Ciência pela Infância, por seu trabalho em prol da primeira infância. Também foi reconhecido como referência nacional para inovação em políticas públicas pelo Programa das Nações Unidas para Assentamentos Humanos (ONU – Habitat), pela fundação holandesa Bernard van Leer e pela Child in The City, instituição independente cujo principal objetivo é promover cidades sustentáveis para as crianças.

Para Jane Santos, especialista em saúde do Unicef, o programa tem um modelo maduro e pode ser replicado em periferias de grandes centros urbanos com traçados geográficos semelhantes aos do Recife. Mesmo outras cidades e países com realidades e cenários diferentes também podem, segundo ela, se valer de conceitos usados pelo Mais Vida nos Morros, como o de trazer a criança para a cena.

Em ambas as situações, a especialista do Unicef acredita que a vontade política e a decisão de realmente investir na primeira infância são, no entanto, fundamentais.

Neste capítulo, reunimos, de forma sintética, os cinco principais aprendizados e desafios do programa, a partir da escuta de 24 atores, incluindo moradores (adultos e crianças), equipe, embaixadores e especialistas. A ideia é que esses aprendizados possam inspirar outras políticas públicas no país e fora dele e mesmo novas soluções. São eles:

1. INOVAÇÃO NÃO NASCE PRONTA

Antes de mais nada, segundo Tullio Ponzi, secretário executivo de Inovação Urbana, é preciso compreender que, para inovar, o poder público precisa se redesenhar do ponto de vista institucional. "Como você vai fazer uma política pública a partir de tentativa e erro, do experimento, com estruturas hierárquicas engessadas?", provoca.

No caso do Mais Vida nos Morros, esse redesenho incluiu a criação de uma nova secretaria, a Secretaria Executiva de Inovação Urbana, e também de uma nova estrutura, com cargos com nomes e funções diferentes dos convencionais, como gestor de Prototipagem e Soluções Urbanas e de Urbanismo, Concepções e Primeira Infância.

"Precisávamos ter uma área específica da Prefeitura para fortalecer e consolidar o programa, além de estimular outras políticas públicas que tivessem essa mesma lógica, a de dar solução nova para os problemas urbanos", explica o secretário, que montou um time diverso, formado por arquitetos, urbanistas, designers e gestores de eventos, para dar conta desses desafios. "Foi um casamento entre uma nova abordagem e a montagem de uma equipe para conseguir fazer essa nova abordagem", sintetiza.

A nova abordagem a que ele se refere tem a ver com o engajamento e a participação ativa da comunidade em todas as ações. Muitos governos ouvem a população num planejamento de longo prazo, mas o que o Mais Vida nos Morros mostra, segundo o secretário, é que é necessário trazer o cidadão para participar do ciclo todo, não apenas do planejamento. E isso não apenas nas políticas urbanas, mas em qualquer outra política pública.

Quando se fala em cidadão também é fundamental levar em conta que não há idade para exercer a cidadania. As crianças devem ser envolvidas e consideradas desde o início, por meio de oficinas de engajamento e cocriação.

Com uma estrutura enxuta e aberta à experimentação, o Mais Vida nos Morros lembra mais uma *startup* do que uma política pública tradicional. "O tradicional é pensar na solução, passando pelo projeto executivo, pela execução e pela fiscalização, o que pode levar uma década", diz o arquiteto e urbanista Francisco Carneiro da Cunha, embaixador do programa. Segundo o especialista, a grande inovação do programa está no fato de ele apresentar soluções que são postas rapidamente em teste. "O Mais Vida nos Morros traz uma experiência própria do *design thinking*, em que se problematiza, idealiza e prototipa rapidamente. E enquanto prototipa, já testa", explica.

> **"PARA INOVAR, O PODER PÚBLICO PRECISA SE REDESENHAR DO PONTO DE VISTA INSTITUCIONAL. COMO VOCÊ VAI FAZER UMA POLÍTICA PÚBLICA A PARTIR DE TENTATIVA E ERRO, DO EXPERIMENTO, COM ESTRUTURAS HIERÁRQUICAS ENGESSADAS?"**
>
> **Tullio Ponzi**, secretário executivo de Inovação Urbana

Para conseguir agilizar esses processos, a Secretaria Executiva de Inovação Urbana conta com uma marcenaria própria com um conjunto mínimo de ferramentas, como serras circulares, furadeiras, parafusadeiras etc. "Somos vários MacGyvers", brinca César Araújo, gestor de Prototipagem e Soluções Urbanas, referindo-se ao

"solucionador de problemas" que fez sucesso na televisão no final da década de 1980. "Pensamos sempre no que podemos fazer utilizando essas ferramentas para que não seja necessário comprar ou licitar coisas novas", afirma. O programa também tem uma oficina com um maquinário básico para reaproveitamento do lixo plástico, que se transforma em utensílios domésticos e mobiliário urbano, como corrimão.

2. POLÍTICA PÚBLICA DEVE SE BASEAR EM EVIDÊNCIA

O foco do Mais Vida nos Morros na primeira infância não aconteceu por acaso. A decisão foi tomada com base em inúmeros estudos realizados em todo o mundo que apontam para a importância de investir na faixa etária que vai do 0 aos 6 anos de idade. A oferta de cuidados adequados para bebês e crianças pequenas contribui, entre outras coisas, para diminuir a evasão escolar e aumentar o nível de educação, bem como elevar a renda média e reduzir a violência.

O Programa de Liderança Executiva em Desenvolvimento da Primeira Infância teve um papel importante no desenvolvimento e aprimoramento do programa. Promovido pelo Núcleo Ciência pela Infância, com o apoio de diversas organizações como a Fundação Bernard van Leer e a Universidade Harvard, ele é considerado por Tullio Ponzi "um divisor de águas". "Voltei com a missão de redirecionar toda energia do programa às crianças, principalmente as de 0 a 6 anos", diz ele.

A própria equipe do Mais Vida nos Morros também passou por uma formação com a arquiteta e urbanista Irene Quintáns, que foi consultora do Urban95[1] para a América Latina de 2016 a 2018. O objetivo da oficina foi dar base científica para as ações, o porquê é tão importante, por exemplo, que a criança tenha um caminho cheio de interações até a escola.

Segundo a arquiteta Rebecca Dantas, gestora de Urbanismo, Concepções e Primeira Infância do programa, a formação também impactou no diálogo com os pais e cuidadores da comunidade. "Depois da oficina, entendíamos e podíamos explicar a importância de determinada brincadeira para o desenvolvimento da criança", diz ela.

Nas comunidades, os ganhos estão em toda a parte (*veja mais sobre o assunto no* Capítulo 2). Há brincadeiras que usam tampinhas de garrafa e exploram outras texturas, jardins aromáticos, com plantas como hortelã, uma "rua da música", com objetos que emitem sons ao serem manipulados pelas crianças e até barquinhos feitos com plástico reciclado aplicados na calçada. Tudo para estimular os cinco sentidos das mais diferentes maneiras.

De acordo com Rebecca, a oficina promoveu ainda uma ampliação da participação da criança (*veja mais sobre o assunto no* Capítulo 2) e uma mudança na perspectiva. O programa passou a olhar mais para os cuidadores e não apenas para as crianças. "Começamos a entender o que era, por exemplo, uma pausa urbana para uma mãe gestante com uma criança pequena e questionar como é o caminho para ela até o posto de saúde. Tem sombra? Tem trocador?", exemplifica.

Outro curso que ajudou a embasar a metodologia do programa é o de Sam Sternin, consultor da Fundação Bernard van Leer, especialista no desenvolvimento e na implementação de estratégias de mudança de comportamento. Além da oficina, o consultor vem construindo, junto com a equipe do Mais Vida nos Morros e

Desenhos nas paredes estimulam a imaginação das crianças da comunidade Burity

[1] A Urban95 é uma iniciativa da Fundação Bernard van Leer que visa incorporar no planejamento e gestão das cidades o foco no desenvolvimento da primeira infância, a partir de ações e políticas públicas efetivas nesse campo.

Frases motivacionais foram pintadas num mural da comunidade Alto José Bonifácio

a Fundação Bernard van Leer, a chamada Teoria da Mudança, um conjunto de metas e indicadores para que os resultados do programa possam ser avaliados por métricas que vão muito além dos números de comunidades e pessoas impactadas.

O conhecimento é um dos principais pilares do Mais Vida nos Morros. Além de alimentar o programa, por meio de cursos, do Laboratório de Inovação e da sua parceria com a academia, ele é a base do planejamento. Antes de o trabalho começar, para delimitar o perímetro de atuação, são criados mapas, por meio de software livre com código-fonte aberto, que permitem analisar dados georreferenciados da área, como a quantidade de praças, entre outras informações.

Durante a pandemia, a ciência e a tecnologia também foram usadas como aliadas na prevenção da covid-19. Dados obtidos por meio do sistema de geolocalização do celular permitiram medir o nível de isolamento social no Recife. A informação foi fundamental para direcionar mensagens de conscientização sobre as medidas de prevenção nos lugares em que o nível de isolamento era mais baixo. As mensagens foram divulgadas por meio de carros de som, motos de som e drones, que sobrevoaram comunidades de interesse social de difícil acesso atendidas pelo Mais Vida nos Morros, para incentivar os moradores a permanecerem em casa. A iniciativa foi feita em cooperação técnica com a ONU – Habitat.

Num ciclo virtuoso, o aprendizado gerado pelo Mais Vida nos Morros é ainda compartilhado com as comunidades durante as oficinas. A população passa a entender e a ver sentido nas iniciativas, engajando-se ainda mais nas transformações e compreendendo que a reinvenção acontece também em cada um.

3. ENGAJAMENTO E PROTAGONISMO COMUNITÁRIO SÃO FUNDAMENTAIS

"A participação do cidadão é fundamental e o poder público precisa entender isso. Sozinho, ele não resolve mais nada." A afirmação do secretário executivo de Inovação Urbana resume outro aprendizado do programa.

Baseado em técnicas das ciências comportamentais (*veja mais sobre o assunto no* Capítulo 2), o Mais Vida nos Morros cria incentivos para engajar a população nas transformações e promover a mudança de comportamento coletivo. Para Tullio Ponzi, essa é a grande inovação da política. "O potencial de escala é muito grande", avalia.

A tarefa, no entanto, nem sempre é fácil. Nas primeiras comunidades atendidas pelo programa houve, no início, muita descrença e resistência. "O Mais Vida nos Morros não era tão conhecido e as pessoas tinham muito receio", lembra a arquiteta Rebecca Dantas. "Houve casos em que nós passamos 40 minutos só escutando um morador reclamar de tudo o que acontecia lá. Só depois é que conseguimos mostrar o que é o Mais Vida e de que maneira nós, de forma colaborativa, iría-

mos contribuir para o desenvolvimento e a melhoria daquele território."

Nos depoimentos da população, o sentimento de orgulho, pertencimento e reconhecimento da sua própria contribuição nas intervenções é recorrente. Na Macaxeira, por exemplo, um velho quiosque foi reformado e virou um lugar de encontro da comunidade.

"O 'meu' quiosque ficou lindo", comemora Maria José Natália Domingos da Silva, a Lia da Macaxeira, responsável pela ideia ("um antigo sonho") e embaixadora do programa. Segundo ela, hoje a comunidade faz festa para as crianças no "seu" quiosque, está mais unida e também se preocupa mais com o lugar em que mora. "O pessoal hoje tem mais consciência em questão, inclusive, de conviver", diz.

Para José Cândido Lins, o Marcony, o programa não só aproximou as pessoas como levou o morador a participar efetivamente da transformação da sua comunidade ajudando a mudar a ideia de que morro é uma coisa ruim. "Aqui, pode ter áreas de lazer e ser reconhecido pelo lado bom", diz ele, referindo-se, com orgulho, ao Burity.

As marcas desse trabalho conjunto do poder público com os moradores estão em todo lugar, inspirando diversas outras ações. Uma demanda da comunidade do Morro da Conceição por iluminação em LED nas ruas acabou, por exemplo, sendo implementada em vários pontos da cidade. "Surgiu lá e, depois, começou a se espalhar", conta o secretário.

Megamutirões levaram funcionários de outras secretarias e órgãos públicos, além de embaixadores do programa, às comunidades

Segundo Tullio, essas transformações das comunidades também são um grande ativo. Além de promoverem o desenvolvimento local do território, podem mudar a dinâmica socioeconômica da cidade, alterando o fluxo do dinheiro e contribuindo para criar novas oportunidades para os seus moradores.

4. SE QUER IR RÁPIDO, VÁ SÓ. SE QUER IR LONGE, VÁ JUNTO

O ditado popular, adaptado de um provérbio africano, se refere a outro grande aprendizado do programa. As parcerias são importantes tanto na execução do Mais Vida nos Morros quanto no seu aprimoramento.

Sem parcerias, o custo por família – que, em outubro de 2020, era de 500 reais[2] – chegaria a 750 reais, um valor 50% superior. Os parceiros do programa são desde universidades e fundações, como a Bernard van Leer, que vem apoiando tecnicamente o programa, até a Tintas Coral e a Casa Cor.

Todas as tintas usadas pelo Mais Vida nos Morros são doadas pelas Tintas Coral por meio de uma parceria com o movimento Tudo de Cor, criado pela marca em 2009 com a missão de levar cores para as comunidades carentes e patrimônios históricos degradados.

As tintas doadas são as que têm embalagens antigas, saíram de linha ou do portfólio ou tiveram algum leve dano, como um pequeno amassado na lata, e não podem ser comercializadas. "São tintas em perfeito estado para aplicação e dentro da validade. Encontramos uma maneira sustentável de aproveitá-las para uma enorme transformação nas comunidades e nas vidas das pessoas", diz Elaine Poço, diretora de Desenvolvimento, Pesquisas e Inovação da Akzo Nobel – Tintas Coral.

A parceria envolveu também um treinamento ministrado pelo técnico local da marca para um time de 25 pessoas da Prefeitura do Recife,

[2] Esse é o valor estimado para um perímetro de 50 famílias.

que incluiu a equipe da Secretaria Executiva de Inovação Urbana e os pintores contratados pelo Mais Vida nos Morros. O curso teórico com cerca de 4 horas de duração vem sendo, desde então, replicado para os moradores que trabalham ativamente nos mutirões.

Também há parcerias com universidades de arquitetura, para que os alunos possam atuar em ações pontuais do programa, como aconteceu no Burity, e com a Casa Cor, uma das mais importantes exposições de arquitetura, design de interiores e paisagismo da América Latina. Em 2020, um dos ambientes da exposição, uma proposta de moradia de baixo custo, ficou em Brasília Teimosa num contêiner com fachada de vidro e, depois, foi doado para a comunidade.

Os apoios são muitos e variados: de urbanistas, educadores, lideranças e artistas a fornecedores de materiais diversos como pallets, minhocários para compostagem de resíduos orgânicos e mobiliários urbanos.

Como os exemplos mostram, as parcerias do Mais Vida nos Morros vão muito além de doação de material, dinheiro e mão de obra. A exemplo do que acontece nas comunidades, os parceiros atuam numa lógica de construção coletiva, fortalecendo o protagonismo comunitário, o sentimento de pertencimento, a metodologia e o desenvolvimento sustentável do território.

5. A INTERSETORIALIDADE FAZ A DIFERENÇA

"As políticas públicas precisam estar integradas no território", acredita Tullio Ponzi. Assim como a maioria dos entrevistados, o secretário vê nessa integração um dos grandes desafios do programa hoje.

Na prática, a interlocução do programa com órgãos como a Defesa Civil, a URB (Autarquia de Urbanização do Recife, responsável pela manutenção de escadarias e canaletas) e a Emlurb (Autarquia de Manutenção e Limpeza Urbana do Recife, responsável pela iluminação, entre outras coisas) sempre acontece e é muito importante para o sucesso das intervenções. "Fazemos a articulação com a Emlurb porque estamos criando áreas de convivência novas e sempre buscamos iluminá-las, pois isso reflete também em segurança", exemplifica Flaviana Gomes, gerente geral de Intervenções Urbanas.

Embora mais pontual, também há, segundo ela, um bom diálogo com as secretarias da Educação e da Saúde, "Os próprios moradores falam de alguns problemas e nós fazemos essa interlocução", afirma. "Se no território tiver uma escola, por exemplo, procuramos englobar. Fazemos horta dentro da escola e passeios brincantes, para deixar o trajeto da criança até a escola mais atrativo", explica.

Para fomentar a intersetorialidade, a Prefeitura do Recife promoveu, em agosto de 2019, uma ação mais estruturada de articulação, o primeiro megamutirão do Mais Vida nos Morros (*veja mais sobre o assunto no* Capítulo 3). "O procurador saiu do gabinete, foi para a rua fazer a escuta do morador, a pintura, botar a mão na massa", lembra Flaviana.

Os ganhos foram muito além das intervenções em si. "A Secretaria de Adolescentes e Jovens trabalhou, por exemplo, a questão da conscientização das drogas. Já a secretaria responsável pela internet levou conexão para a sua área", acrescenta Sandy Vieira, chefe do setor de Engajamento e Urbanismo Colaborativo.

Para Tullio Ponzi, quanto mais o Mais Vida nos Morros evoluir nesse sentido, maior será o seu impacto. "O programa deve se consolidar como uma política pública de cidadania ativa, desenvolvimento sustentável e integração de todas as políticas públicas em prol da primeira infância naquele território", diz ele.

Com o megamutirão e parcerias estratégicas, o Mais Vida nos Morros vem conseguindo quebrar a lógica departamentalizada da gestão pública. "Há um ambiente extremamente favorável para que as políticas se integrem", diz Jane Santos, especialista em saúde do Unicef. Segundo ela, o modelo de governança do programa se traduz numa "conjunção de esforços", para evitar paralelismos e fragilidades. "Quando se trabalha dessa forma, a repercussão é muito mais forte do ponto de vista da sustentabilidade", acredita.

Para a especialista, o grande desafio do programa para o futuro é ganhar capilaridade. "O Mais Vida nos Morros ainda tem muito o que se espalhar pela cidade, mas isso faz parte de um processo", diz ela. Nos próximos oito anos, o objetivo do programa é expandir suas ações para as 545 comunidades de interesse social do Recife. ❑

ANEXO:

MATERIAIS DE APOIO E LINKS

- ***Agência Recife para Inovação e Estratégia (Aries)*** – Organização social de inovação e estratégia dedicada aos estudos sobre o futuro das cidades. Foi construída como uma iniciativa conjunta entre o setor privado, a sociedade civil organizada e o município do Recife.

  http://www.rec500.org.br/quemsomos/

- ***Urban95*** – Programa da Fundação Bernard van Leer que tem como principal objetivo ajudar urbanistas e gestores públicos a entenderem como podem influenciar no desenvolvimento infantil identificando e aprimorando os territórios onde os bebês mais vulneráveis e suas famílias estão. O número 95 é uma referência à altura média de uma criança de 3 anos, o foco do programa.

  https://bernardvanleer.org/pt-br/solutions/urban95-pt/

- ***Centro de Desenvolvimento Infantil da Universidade Harvard*** – Referência mundial em pesquisa científica sobre primeira infância, traz estudos e diversas publicações sobre o assunto.

  https://developingchild.harvard.edu/

- **Núcleo Ciência Pela Infância (NCPI)** – O NCPI tem como foco a primeira infância e, como o Centro de Desenvolvimento Infantil da Universidade Harvard, é uma fonte importante de disseminação de conteúdos científicos em relação ao tema.

  https://ncpi.org.br/

- ***Tactical Ubanist's Guide to Material and Designs v.1.0*** – Disponível em inglês e em versão *on-line*, o guia é um clássico do urbanismo tático e tem como coautor o arquiteto norte-americano Mike Lydon, considerado um dos 100 urbanistas mais influentes do mundo.

  http://tacticalurbanismguide.com/

- ***Design participation tactics: the challenges and new roles for designers in the co-design process: CoDesign: Vol 4, Nº 1 (tandfonline.com)*** – Tese sobre design participativo da Dra. Yunki Lee, da Politécnica de Hong Kong.

  https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/15710880701875613

Mais Vida nos Morros

Dirigido a gestores, especialistas e formuladores de políticas públicas, o livro ***Mais Vida nos Morros: reinvenção urbana passo a passo*** *apresenta a metodologia do programa, detalhando o contexto em que foi implementado, a aplicação da Teoria da Mudança e os indicadores da transformação, etapas do processo, lições aprendidas e desafios.*

O Mais Vida nos Morros é uma política pública de inovação e resiliência urbana que reinventa a cidade a partir das periferias, do protagonismo comunitário e de uma cidade melhor para as crianças nas comunidades de interesse social do Recife. Esta publicação compartilha o conhecimento acumulado pelo programa para que ele possa inspirar transformações em outras cidades do Brasil e do mundo.

Realização

SECRETARIA EXECUTIVA INOVAÇÃO URBANA

RECIFE PREFEITURA DA CIDADE

Apoio

ARIES Agência Recife para Inovação e Estratégia

URBAN95

Bernard van Leer FOUNDATION